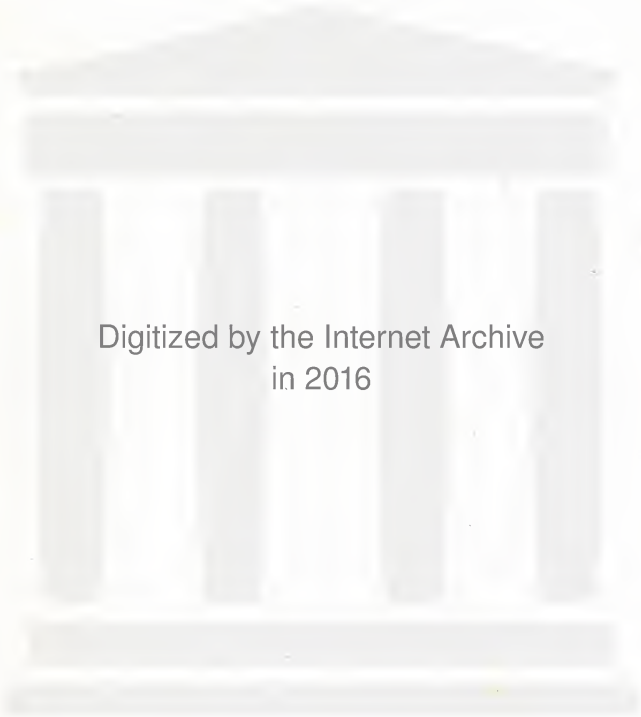
MADE IN ENG


Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/viagemdevascodag00unse

VIAGEM DE VASCO DA GAMA Á INDIA

D. Vasco da Gama

Copia fiel de um antigo retrato considerado authentico,
que existe no museu nacional
de Bellas-Artes, ao qual foi doado por El-Rei D. Fernando II.

VIAGEM

DE

VASCO DA GAMA

Á INDIA

Descripção illustrada com os retratos
d'El-Rei D. Manoel e de Vasco da Gama, e bem assim
com a representação do embarque na praia do Rastello
em 8 de julho de 1497
e das recepções que ao grande navegador foram feitas
na India e em Lisboa

Não sofre o peito forte, usado á guerra
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vae commetter as ondas do Oceano.

CAMÕES, *Lusiadas*, canto IV.

EDITORES — BELEM & C.ª
26 — Rua do Marechal Saldanha — 26
LISBOA

INTRODUCÇÃO

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles .....
CAMÕES. Luziadas, Canto IV.

Preponderancia da nação portugueza sobre os outros povos, como resultado das suas façanhas arrojadas e gloriosas. — O Infante D. Henrique e o seu vasto plano de descobrimentos e conquistas. — Descobrimentos mais importantes, effectuados por iniciativa e esforços do Infante durante os reinados de D. João I e de D. Affonso V. — Morte do Infante D. Henrique. — O reinado de D. João II. — Bartholomeu Dias dobra o cabo das Tormentas. — Primeira expedição enviada em busca do Preste João das Indias. — Affonso de Paiva e Pero da Covilhã. — Recepção feita a este ultimo pelo rei da Ethiopia. — Pero da Covilhã inhibido de regressar á patria. — Chegada de Bartholomeu Dias. — Morte de El-Rei D. João II.

Estrondosa e perduravel tem sido a fama grangeada pelos portuguezes, a qual data do berço da monarchia (se não quizermos remontar a maior antiguida-

de, quando as aguias romanas abatiam seu vôo altivo e triumphante, vencidas pelo valor lusitano), e não menos brilhante é a origem de que ella provem.

Constituidos em nação independente mantiveram a sua gloria e a integridade do paiz, a despeito de quantos ardis e machinações estranhas ou intestinas foram postas por obra com o fito de lhes arrebatar estes sagrados penhores, os unicos que asseguram a ventura e a solidez do estado social.

Série não interrompida de victorias qual d'ellas mais sublime, rasgos immortaes de heroismo da parte dos seus reis, actos pasmosos de amor de patria praticados á porfia por todas as classes, proficuo e vantajoso progresso nas artes e sciencias, em relação ao estado em que se achavam entre as outras nações, tudo concorreu para dar aos portuguezes uma celebridade que está fóra do alcance da protervia dos invejosos, ou da detracção dos competidores.

Porem, consolidados como se achavam esse renome e essa gloria, não cabia em peitos generosos e incitados pelos mais nobres estimulos a ideia de permanecer em ocio, e os portuguezes mostraram ao mundo que eram capazes de realizar emprezas, que imperios colossaes não se abalançavam a executar.

Foi Portugal que ensinou a esses potentados, como se desaggravava a offensa que a Europa recebera pela invasão dos arabes, e as nossas conquistas na Africa dissiparam em parte as lastimosas consequencias de antigas calamidades.

Mas estava destinado á heroicidade portugueza um theatro ainda mais vasto e maravilhoso. O oceano e

as suas ondas encapelladas, *mares nunca d'antes navegados,* suas tormentas e procellas, o fatidico Adamastor com suas furias e terriveis vaticinios, o Oriente e seus povos bellicosos, nada seria capaz de entibiar o ardor dos novos argonautas, a perseverança de intrepidos conquistadores, e tinha a Providencia decretado que as façanhas dos portuguezes nas regiões orientaes offerecessem ao universo, em quadro verdadeiro, o que é reputado fabuloso com relação a Baccho e a Alexandre, plantando as quinas lusitanas em paizes onde esses conquistadores não tinham podido levar a influencia do seu dominio.

Este abreviado esbôço exige que remontemos á origem e causas de taes acontecimentos, que, segundo a opinião de todos os estadistas consummados, tão decisiva preponderancia exerceram nos destinos do mundo, e effectuaram uma completa revolução na ordem moral e social.

Ao animo verdadeiramente esforçado e magnanimo do Infante D. Henrique, quinto filho de El-Rei D. João I, são devidos em grande parte estes portentosos successos.

Digno descendente do inclito monarcha, que libertara a patria do jugo castelhano, expondo-se a perecer em defeza da sua independencia e dignidade, e furtando-a ao opprobrio de permanecer debaixo da influencia nefasta de um valido(1), foi incansavel em le-

(1) O conde João Fernandes Andeiro, celebre pela sua influencia junto da Rainha D. Leonor, viuva de El-Rei D. Fernando, e pela tragica morte que recebeu das mãos do Mestre d'Aviz, depois D João 1 °

var ao cabo o plano que traçara, parecendo que as difficuldades que se accumulavam eram n'elle mais poderosos incentivos para completal-o.

N'estes incessantes e utilissimos trabalhos se empregou o Infante desde o anno de 1412 até 1448, em quanto os principes christãos, movendo guerra entre si, se descuidavam de levantar um dique á innundação da gente mahometana, que pôz em grande perigo toda a Europa, permittindo a Providencia que, assim como os portuguezes foram os primeiros que se isentaram da barbaridade d'aquelles intrusos, fossem tambem os primeiros que atalharam o curso das suas victorias.

Desde que o principe acompanhara seu pae em 1415 á conquista de Ceuta, onde tanto se distinguira, e contando apenas vinte e um annos de idade, sentiu-se animado do desejo de descobrir novas regiões e promover novas conquistas, o que emprehendeu á custa de grandes fadigas e dispendios, auxiliado pelos mais famosos mathematicos e navegadores, em cujas sciencias era tambem mui versado.

Entre um grande numero de descobrimentos, effectuados por iniciativa e esforços do preclaro Infante, contam-se como sendo muito importantes debaixo de variados pontos de vista os das ilhas de Porto Santo e da Madeira durante o reinado de D. João I, e os da Guiné, de Cabo Verde, e das ilhas de S. Thomé, Anno Bom, e Principe, no tempo de El-Rei D. Affonso V.

Depois de uma não interrompida cadeia de acções famosas, fechou o circulo de seus dias aquelle varão

prestante, principe egregio que todo se dedicou ao bem da patria, e foi gosar em melhor vida o premio devido a tantas virtudes, e a corôa destinada aos bemfeitores da humanidade.

Estava porem reservado para El-Rei D. João II, filho de D. Affonso V, o grato encargo de dar a tamanha obra um rapido progresso, e de aplanar a estrada de triumphos e de prosperidades, que mais tarde deviam tornar immortal o seu successor, preparando-lhe uma abundante colheita de riquezas, e de glorias immorredoiras.

Foi este reinado o precursor do seculo de ouro em Portugal, parecendo que todos os elementos de grandesa se haviam combinado para elevarem a nação ao mais alto grau de prosperidade, de que depois a fizeram decahir a estulticia e a traição.

Em 1487 dobrou Bartholomeu Dias, commandante de tres navios, o Cabo Tormentoso, ao qual El-Rei deu o nome de Cabo da Bôa Esperança, em razão da animadora promessa que aquelle grande feito constituia para o descobrimento da India, objecto das suas constantes e ardentes aspirações.

Logo n'esse anno El-Rei D. João II, que tantos desejos tinha de estabelecer relações com o Preste João das Indias, e que com esse intento fizera armar a frota que confiara a Bartholomeu Dias, determinou mandar por terra descobrir esse paiz por onde esperava ter entrada na India.

Os primeiros, que receberam o encargo de dar execução a este projecto, foram um frei Antonio de Lisboa, frade de S. Francisco, e um leigo, que chega-

ram até Jerusalem, e não puderam continuar a viagem por ignorarem a lingua arabica.

Affonso de Paiva e Pero da Covilhã foram depois os escolhidos para tão arriscada commissão, commettendo-lhes El-Rei esse encargo em Santarem, na presença de seu primo D. Manuel, duque de Beja, e mais tarde rei de Portugal, provendo-os de todos os meios scientificos e pecuniarios de que podiam carecer para o bom resultado da empreza, e dando-lhes um diploma para serem auxiliados em quasquer perigos ou necessidades.

Partiram logo os dois enviados para Barcelona, e d'ahi para Napoles e Rhodes, passando depois á Alexandria, d'ahi ao Cairo, e d'esta cidade a Toro em companhia de mouros de Fez e Tremecem, separando-se por fim, e dirigindo-se Affonso de Paiva para a Ethiopia, e Pero da Covilhã para a India, depois de haverem colhido informações certas de que aquelle rei christão, que El-Rei suppunha o Preste João das Indias, era Senhor da Ethiopia, e depois de terem combinado que Affonso de Paiva entregaria a este uma carta do soberano portuguez.

Tomando cada um a direcção convencionada, Pero da Covilhã foi ter a Cananor e d'ahi a Calecut, que era n'aquelle tempo a principal escala commercial da India, e por fim a Goa, Sofala, ilha de S. Lourenço, que os mouros chamavam da Lua, e a Ormuz.

Feita esta viagem voltou ao Cairo, onde soube que Affonso de Paiva era morto, e, quando se dispunha a regressar a Portugal com taes novas, recebeu noticia de que dois judeus — Rabi Abrahão, morador em Be-

ja, e Joseph, em Lamego — andavam em sua busca; porquanto, tendo o ultimo estado em Babylonia e em Ormuz, de cujo tracto e circumstancias se achava muito instruido, chegara a Portugal pouco tempo depois da partida de Affonso de Paiva e de Pero da Covilhã, e, relatando a El-Rei o que sabia, este o tornara a despachar com cartas para ambos, dando-lhe Rabi Abrahão por companheiro, e escrevendo-lhes que, se tinham sido felizes na viagem, voltassem a Portugal para serem remunerados, e que no caso contrario lhe enviassem o roteiro da jornada e a narração dos acontecimentos d'ella, e fossem depois ver o Preste João.

Insistiu Joseph com Pero da Covilhã para que fosse á corte do Preste, e mostrasse Ormuz a Rabi Abrahão, e Pero accedeu á solicitação; mas primeiro que tudo escreveu a El-Rei um minucioso relatorio da viagem, o que soubera do Preste, onde era o seu senhorio, o que vira nos paizes que precorrera, a carregação que em Calecut se fazia de especiarias, drogas e pedraria, e que Calecut e Cananor estavam no littoral para onde se podia navegar pela costa do mar da Guiné. Mandou esta carta por Joseph, e partiu com Rabi Abrahão para Ormuz, e ahi o deixou com o encargo de regressar a Portugal com uma outra carta para El-Rei.

Antes de visitar a côrte do Preste, Pero da Covilhã foi ver as cidades de Judá, Meca, Medina, monte Sinay, e Zeila, chegando finalmente á Ethiopia, onde entregou a Alexandre, que então a governava, a carta de El-Rei.

Foi lisongeira e obsequiosa a recepção, acompanhada da promessa de o mandar para Portugal com larga remuneração; porem a morte imprevista de Alexan-

dre, a quem succederam Nahn, seu irmão, e David, seu sobrinho, transtornou tão agradavel perspectiva, porque ambos estes soberanos reputaram Pero da Covilhã como espia, e tiveram por suspeitosa a sua extraordinaria curiosidade.

Em quanto o explorador portuguez existia quasi prezo, e não podia volver á patria, caminhava de Roma, enviado a El-Rei, um sacerdote do Preste, chamado Lucas Marcos, de cujas informações receberam novo alento os seus desejos, esperanças e diligencias, enviando-o ao seu principe, e transmittindo-lhe os esforços que havia feito para que se communicassem, e estivessem de accôrdo sobre os melhores meios de concluir empreza de tamanho renome e utilidade, coincidindo este favoravel resultado com a chegada de Bartholomeu Dias.

Estava porem chegado para El-Rei D. João II o termo de tão brilhante carreira, e o dia 25 de outubro de 1495 foi o derradeiro da existencia de um dos maiores principes que teem occupado o throno, justo ainda que severo, temido, respeitado, amado por seus vassallos, odiado por aquelles que refreára em seus excessos, soberano a quem é devido, em grande parte, o feito mais illustre, a que podiam abalançar-se o valor e a ousadia humana.

A consciencia popular, em cujas apreciações se revéla sempre um grande fundo de justiça, atribuiu a este grande monarcha o cognome de «principe perfeito», como bem merecido reconhecimento da sabedoria, elevadas aspirações, e resolução energica e intemerata do seu governo.

El-Rei Dom Manuel

Extrahido de um antigo quadro, existente na Santa Casa da Misericordia de Lisboa (Pag. 12)

CAPITULO I

Parece que guardava o claro Ceu
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveu
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeu
No Reino, e nos altivos pensamentos,
Logo que tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

CAMÕES. Luziadas, Canto IV.

Grandiosos planos de El-Rei D. Manoel. — Partida de Vasco da Gama em demanda da India. — São dizimadas as tripulações da frota por uma terrivel e asquerosa doença contagiosa. — O rio dos Bons Signaes. — Chega a frota de Vasco da Gama a Moçambique, a Quiloa, e a Mombaça. — Perigos e traições. — A Providencia protege os portuguezes.

El-Rei D. Manuel, o Afortunado, assim como succedeu no reino a El-Rei D. João, tambem foi seu herdeiro nos projectos heroicos, que só a morte fôra capaz de atalhar; e, deliberado a concluir o que sob tão felizes auspicios fôra começado, submetteu a livre debate a conveniencia ou prejuizo do intento.

Vigorosa foi a opposição; uns reprovavam o descobrimento como remoto e duvidoso, e outros como desigual á potencia que o emprehendia, e sugeito a perigos invenciveis; porem nada houve que o fizesse desistir de seu proposito, e, convencido de que nas façanhas de difficil e espinhosa execução, é que mais sobresahe o valor e a constancia dos grandes homens, logo no segundo anno do seu reinado poz hombros á empreza do descobrimento, para o que muito lhe aproveitaram as instrucções do seu antecessor.

A favor contava votos de mais pezo do que as razões contrarias apesar de numerosas, e encarregou de cumprir tão nobre e ardua missão a Paulo da Gama, cavalleiro da sua casa, filho de Estevão da Gama, Alcaide-mor da villa de Sines; porem este, sem se negar a ir na expedição, escusou-se do commando por causa de seus padecimentos phisicos, que lhe não consentiriam entregar-se, como lhe cumpria, aos cuidados da governança, designando, como apto para d'elles tomar cargo, seu irmão mais môço Vasco da Gama, em quem concorriam todas as qualidades para bem satisfazer tão arduas obrigações, e que mui re levantes serviços tinha já prestado ao Estado.

Acceitou El-Rei o conselho, e, depois de lhe entregar algumas cartas para os principes do Oriente, como o Preste João, e o Çamorim ou imperador de Calecut, com expressões mui honrosas incumbiu a Vasco da Gama aquella grandiosa empreza, dando-lhe uma commenda, encarregando-lhe com grande empenho que se apercebesse para partir, pois tudo dispuzera de modo que nada lhe faltasse, e entregando-lhe

Partida de Vasco da Gam

Embarque na praia do Rastello em 8 de julho de 1497. El-Rei D. Manuel, segu
onde hoje se vê o magestoso convento dos Jeronymos, e de um numer

demanda da India

e uma grande procissão, que sahira de uma capella, que existia no logar
ncurso de povo, despede-se do intrepido navegador. (Pag. 15)

em acto publico a bandeira que havia de levar, onde se via bordada a cruz da ordem militar de Christo, e sobre a qual prestou juramento aquelle ousado e valoroso heroe.

Prestes a armada, que se compunha de duas náus — S. Gabriel, em que ia Vasco da Gama, tendo por piloto Pero de Alemquer, que n'essa qualidade acompanhara Bartholomeu Dias, e S. Raphael, ás ordens de seu irmão Paulo da Gama — da caravella Berrio, commandada por Nicolau Coelho, e do navio de mantimentos, entregue ao mando de Gonçalo Nunes, creado do chefe da expedição, embarcou-se toda a comitiva, composta de cento quarenta e oito pessoas, no sitio denominado Rastello, a uma legua de Lisboa, tendo sahido em procissão de uma capella, que existia no logar onde hoje se vê o convento de S. Jeronymo em Belem, seguida de um numeroso concurso de pôvo, que dava claros signaes de pesar, acreditando que era infallivel a morte dos intrepidos descobridores.

Desfraldadas as velas, partiram-se de fóz em fóra, ordenando Vasco da Gama que, no caso de acontecer perderem-se uns dos outros, fizessem seu caminho para as ilhas de Cabo Verde, e ahi se ajuntariam. Ao cabo de oito dias de viagem houve vista das Canarias, em cuja altura soffreu grande tormenta, e desgarrados os navios seguiram a rota das ilhas de Cabo Verde, onde se reuniram, e, fazendo aguada na ilha de S. Thiago, surgiram na praia de Santa Maria, demorando-se ahi sete dias, no fim dos quaes Vasco da Gama foi caminho do cabo da Boa Esperança.

Levando todos os navios em conserva, navegaram

durante os mezes de agosto, setembro e outubro com tempo bastante procelloso, até que descobriram a angra, que denominaram de Santa Helena, a 4 de novembro. No dia 20 dobrou Vasco da Gama o cabo da Boa Esperança, e foi costa acima até á bahia de S. Braz, costa do Natal, e rio dos Reis, onde deixou dois homens, para que revistassem a terra e o informassem quando voltasse, escolhidos entre alguns criminosos, que para esse effeito o acompanhavam, e que no reino haviam sido condemnados a differentes penas, que por estes riscos lhes eram commutadas.

N'essas alturas soffreu a expedição uma terrivel calamidade, que causou uma impressão dolorosissima em todos os que d'ella faziam parte, e que teve por effeito uma diminuição no numero dos companheiros de Vasco da Gama. Referimos-nos a uma horrivel doença contagiosa, o escorbuto, que se desenvolveu entre os homens de bordo, e que foi causa de morte para muitos, de enfraquecimento e desanimo para os que, atacados pelo contagio, puderam salvar-se, e de funda tristeza para todos.

Deteve-se o Gama uns treze dias n'aquellas paragens, tomando, entre outras medidas, a de mandar despejar o navio dos mantimentos, e queimal-o, como levava recommendado, e foi a terra, onde encontrou habitantes trataveis, que lhe forneceram mantimentos; porem, desconfiando de traição, e com o fim principal de chegar ao termo da viagem, mandou que em terra fossem levantados um padrão e uma cruz, e fez-se de véla, sendo pouco depois assaltado por uma grande tormenta, durante a qual se desgarrou o navio

de Nicolau Coelho, que só na noite seguinte se tornou a juntar á expedição.

Houve vista do Ilheu da Cruz, (a quinze leguas do rio do Infante), onde Bartholomeu Dias puzéra o derradeiro padrão, avistando terra mui cultivada ao parecer, amena e fertil, e, continuando a navegação, examinou todo aquelle littoral, e enviou a terra um dos nossos que foi muito bem recebido, até que descobriu umas almadias (barcos com vêlas de Palma), que desciam um rio de longa embocadura, e trazendo gente negra, cingida com pannos de algodão.

Mui satisfeito ficou o capitão portuguez por observar que aquelles povos possuiam alguns conhecimentos da navegação, o que até então não vira, e que eram menos negros, e de mais facil intelligencia e accesso, o que desde logo se manifestara pela confiança com que haviam entrado nos navios. Isto o induziu a estabelecer com elles um certo trato, e a fazer-lhes presentes que muito apreciaram, colhendo tambem informações que muito o satisfizeram, e que o decidiram a dar áquelle rio o nome *dos Bons Signaes*.

Estes indicios de civilisação iam augmentando á medida que os navegadores se adiantavam, e, surgindo na ilha de Moçambique, que ainda hoje possuimos, começaram os nossos a communicar com os mouros e indigenas, com o fim de obterem novas da India, e de se instruirem sobre o que lhes conviesse.

E com effeito, na conversação que o Gama teve com o Xeque, soube que d'ali a Calecut medeiavam ainda umas novecentas leguas, que o Preste João estava longe pelo sertão, e recebeu d'elle, alem de muitos re-

frescos, dois pilotos para o guiarem á India atravez d'aquelles mares procellosos e cheios de escolhos.

Reconheceu o Gama que n'aquellas longiquas paragens existiam adoradores do verdadeiro Deus, pois que tres abexins, que entráram na náu capitania, se curvaram ante os emblemas e imagens, que são objecto do nosso culto e veneração.

Mas quem diria que, debaixo d'aquellas enganosas apparencias de amisade, encobriam os fementidos peitos do regulo e dos seus conselheiros damnadas intenções de darem traiçoeira morte aos nossos! Esses designios começaram elles a manifestar (alem de que o perspicaz capitão portuguez tinha já alguns outros indicios da premeditada perfidia) retirando um dos pilotos que tinham enviado, chegando por fim a um ataque declarado, que foi punido pelos nossos com damno muito importante para a povoação.

Fez-se de véla a frota em seguida, conseguindo escapar de um grande risco, porque o piloto, ainda que obediente na apparencia, era inimigo dissimulado, e esteve a ponto de fazer que ella se perdesse de encontro a uns cachopos. Mandou o Gama que fosse açoitado, pois que o seu erro parecera voluntario; mas este castigo, que devêra trazer emenda, induziu o piloto a nova fraude, persuadindo ao chefe da expedição que fosse á cidade de Quiloa, onde affirmava que viviam christãos, mas imaginando que ali succumbiriam os portuguezes, em razão de serem grandes as forças da cidade.

O Gama decidiu-se a entrar n'aquelle porto; porem felizmente a corrente da agua não lhe consentiu que

levasse a effeito o seu designio, e, vencendo outros perigos, foi surgir em Mombaça, cujos edificios observou que eram construidos á moda europea, os habitantes mahometanos sem haver nenhum christão, e a terra de grosso trato commercial em relação a todas as d'aquelle littoral. Era governada por um rei, que já se achava informado do que acontecera em Moçambique, e de que os nossos eram christãos, e estava por isso resolvido a vingar o que suppunha ser um ultrage á sua crença, e dignidade real.

Para melhor conseguir os fins da sua perversidade, procurou attrahir o descobridor portuguez, e embail-o por todos os meios imaginaveis, mostrando-se bem inclinado a seu respeito, e dando-lhe claras provas de amisade, para que, da confiança que n'elle depositasse, proviesse a sua ruina.

Procurou introduzir nas embarcações muitos dos seus em attitude bellica sob o protesto de satisfazerem a curiosidade (ao que não annuiu o Gama, e fez que, antes de entrarem, deixassem as armas, e mesmo assim limitou o numero), pedindo elles desculpa em nome do rei por não ir elle pessoalmente visitar o Gama, por ser noite, o que faria porem na manhã seguinte, e acrescentando que poderia ali carregar especiarias, ouro, prata e marfim, e que na terra viviam christãos, aos quaes permittia o livre exercicio do seu culto. Estas palavras produziram algum effeito no animo do capitão portuguez, pois combinavam com as dos pilotos, sem que todavia o deixassem desassombrado de suspeitas.

No dia immediato foram dois mouros aos navios

com presentes da parte do rei, e, depois de renovarem os protestos de amisade, e reiterarem os desejos de alliança, convidaram o chefe portuguez a entrar no porto, e com tanta dissimulação o fizeram, que Vasco da Gama retribuiu com outros presentes, mandou dois dos nossos a terra, e fixou a entrada na cidade para o dia seguinte.

Muito bom gazalhado tiveram os nossos do rei, e por toda a cidade, que lhe mostraram, ouviram repetir o mesmo de que com tamanho afinco procuravam convencel-os; dando isto motivo a que, pela narração que fizeram ao Gama, se decidisse em conselho, que entrassem no porto, de onde se iriam depois a Calecut, por quanto um dos mouros, tomados por Paulo da Gama perto de Moçambique, era piloto pratico na carreira e viagem para essas paragens.

Não quiz porem a Providencia que tanto heroismo e tantas fadigas fossem inutilizadas pela traição, e se perdesse uma empreza, da qual tantas e tão incalculaveis vantagens resultariam para a humanidade, e permittiu que o trama fosse descoberto, antes de que os seus terriveis effeitos fossem irremediaveis.

Mandou o Gama levantar ancora para entrar; mas, querendo emproar ao porto, não lhe foi possivel conseguil-o, em razão de um baixo que tinha pela pôpa, sobre o qual se arriscava a ir dar. N'estas circumstancias, mandando surgir fóra para poder ordenar, que a manobra se fizesse de outro modo, acreditaram os mouros, que estavam nos navios, que a vozearia nautica dos marinheiros significava incitamento á vingança por terem conhecido a traição, e desorientados se

arrojaram ao mar. Isto desenganou o Gama e, dando caça a dois zambucos, (embarcações asiaticas de carga) aprisionou treze mouros que o instruiram da verdade, confirmando assim as suas suspeitas, e por elles soube que a pouca distancia estava situada Melinde, onde concorriam embarcações da India.

CAPITULO II

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fôra.
Qu'entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no Ceu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

CAMÕES. Luziadas, Canto VII.

Vasco da Gama estabelece tratados de paz e alliança com o rei de Melinde — Chegada da fróta a Calecut = Descripção rapida e abreviada d'aquellas regiões, das suas condições geographicas e fundamentos historicos, e dos costumes e indole dos seus habitantes — O mouro Moncaide, amigo dos portuguezes, offerece os seus serviços a Vasco da Gama.

Fizeram-se os nossos de véla para Melinde, que era rodeada de hortas, palmares e bosques de arvores fructiferas, que tinha edificios nobres e vistosos, terreno fertil em fructos e povoado de numerosos gados, e habitantes de muito agradavel aspecto. Os mercadores que ali traficavam eram Guzarates que, a trôco

de varias drogas, lá deixavam ouro, marfim, ambar e cera.

O rei era mouro, e a magnificencia com que se tratava correspondia á alta dignidade do seu cargo.

Por um soldado lhe mandou conta o Gama do fim da viagem, e da precisão que tinha de um piloto, e foi tal a cortezia com que mutuamente se houveram, que, por um confidente seu e um cacir ou sacerdote, mandou dizer ao capitão portuguez, que muito folgava de assentar pazes com um principe tão poderoso e magnificente como era o rei de Portugal, accrescentando que podia contar com o seu auxilio para que a empreza, a que mettera hombros, tivesse bom exito. Em vista d'isto Vasco da Gama approximou-se da cidade, admittiu a bordo alguns dos principaes d'ella, e recebeu mui bem o proprio rei, que o visitou.

Posto que pela lição do passado pudesse inferir-se que todas aquellas blandicias seriam outras tantas astucias e ardis, para colher os nossos em traiçoeiro laço, mostrou comtudo a experiencia, que todas aquellas demonstrações de amizade eram feitas de boa fé.

A entrevista foi verdadeiramente magnifica, correndo, da parte do gentio, com festins, apparatos terrestres e maritimos, e prasenteiro semblante, e, da parte dos nossos, com adornos, presentes valiosos, e urbana gravidade e polidez.

Sendo Vasco da Gama convidado pelo rei a desembarcar, para descançar nos seus paços das fadigas de uma tão longa viagem, desculpou-se dizendo que não podia acceitar o convite, por não levar licença do seu rei para ir a terra, o que algum tanto agastou

aquelle monarcha, o qual ainda assim respondeu que, visto não poder ir á cidade, mandasse ali dois dos seus, pois que nem por isso devia dispôr menos da sua vontade, e que tinha resolvido mandar um embaixador a El-Rei de Portugal, e escrever-lhe, quando elle, Vasco da Gama, ali voltasse, conforme a promessa que este ultimo lhe fizera.

Concordia, paz duradoira e firme alliança, foram os bens que de tal visita resultaram, compromissos que pelos portuguezes foram lealmente mantidos, como aliás era de esperar, e tambem pelos mouros de um modo verdadeiramente raro, e muito para admirar em gente, para quem tão pouco estaveis e permanentes são a palavra e o juramento.

Na nau capitania entraram uns mercadores mouros, baneanes de Cambaia, e, vendo os nossos que elles adoravam uma imagem da Santissima Virgem, tiveram este facto como indicio claro e certo de que n'aquellas regiões permaneciam viçosos, atravez dos seculos e de todas as vicissitudes, os fructos das fadigas apostolicas de S. Thomé.

O Gama, despedindo-se do rei com expressões do mais puro agradecimento, e com protestos de amisade constante, e indelevel recordação de seus beneficios, fez-se de véla na direcção de Calecut, atravessando em vinte e dois dias o golpho de quasi oitocentas leguas, que separa as duas margens.

Levou comsigo o mouro Maleno Cana, guzarate por nascimento, e mui perito na navegação, o que o capitão portuguez bem conheceu, porque, mostrando-lhe o astrolabio, ouviu da sua bôca palavras que o con-

venceram, de que o mouro havia tido noticia de outros instrumentos mais perfeitos. Tambem o acompanhava um outro piloto experimentado, e, depois de uma feliz navegação, surgiu a pequena distancia de Calecut, tendo avistado terra em 17 de maio de 1498, ficando-lhe já muito atraz o limite da sua navegação; grande e felicissimo auspicio de que os nossos intentos, ainda muito alem das nossas esperanças e diligencias, haviam de ser favorecidos pela fortuna.

Causa em verdade dôr, e mais que tudo indignação, considerar de que modo um tão luzido imperio, cimentado com façanhas extraordinariamente gloriosas, e ganho á custa dos maiores sacrificios, e pelo exercicio das virtudes, que ennobrecem o homem, foi a pouco e pouco decaindo da sua antiga grandeza, até chegar a uma tão lamentavel decadencia!

Apenas o piloto melindano, por nome Canaqua, avistou terra, e deitou prumo achando quarenta e cinco braças de fundo, fez-se de nôvo ao mar, por ser então inverno na India, e perigoso o accesso da costa, e só no dia 20 de maio se approximou d'ella, verificando que era grandissima a altura das serras, que olham sobre a cidade de Calecut. Pediu logo alviçaras a Vasco da Gama, que generosamente o remunerou, e foi este famoso navegador o primeiro que, curvando reverentemente o joelho, deu graças a Deus por haver permittido que chegasse ao termo de seus trabalhos, dando uma tão manifesta protecção ao reino de Portugal, exemplo este de religiosa piedade que foi imitado pelas tripulações da frota, que patentearam de um modo evidente e incontestavel o seu regosijo.

É assim que o incomparavel cantor das nossas glorias descreve o momento memoravel, em que de bordo foi por primeira vez avistada a terra da encantada India :

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando sôa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra da tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa.
Disse alegre o Piloto Melindano :
Terra é de Calecut, se não me engano.

Esta é por certo a terra que buscaes
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece :
Os giôlhos no chão, as mãos ao Céu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

N'aquelle mesmo dia á tarde foram surgir duas leguas abaixo da capital, e começaram logo a ter communicações com a terra por intermedio de pescadores.

Antes porem de continuarmos esta succinta narração, faremos uma rapida descripção d'esse paiz, que n'aquellas epochas tamanho poder ostentava na India, sem omittir uma brevissima ideia ácerca dos seus habitantes, costumes e commercio.

Ao norte era limitado pelo monte Delhi, e ao sul pelo cabo de Çamorim n'um espaço de setenta e duas leguas de comprimento, e doze a quinze de largura : terra baixa e alagadiça, entre o mar indico, e uma serra mui alta que a dividia do reino de Narsinga, com o qual confinava.

Calecut é, bem como o Indostão, cortado de norte a sul por um ramo da cordilheira de montanhas, conhecida com o nome de Ghattes, e que por espaço de mais de duzentas leguas se prolonga, retalhando o terreno com rios caudalosissimos e montes alcantilados, lagoas, bosques impenetraveis e immensos desertos, em que só as féras habitam.

Muitas e muito opulentas cidades tinha o reino de Calecut, a cujo soberano davam aquelles povos o titulo de imperador como reconhecimento da sua supremacia; mas a todas excedia a capital d'esse Estado, que deveu o seu fundamento a circumstancias bem extraordinarias, e a vicissitudes e alternativas de fortuna, que a humana comprehensão não pode prevenir nem atalhar.

Era antigamente todo o Malabar submettido a um rei, que tinha a metropole dos seus Estados em Coulão; estes porem foram desmembrados por um acontecimento, occorrido seiscentos annos antes da chegada ali dos portuguezes. O desejo de fazer o commercio das especiarias, attrahindo os mouros de Méca ao Malabar, induziu o rei a estreitar intimas relações de amisade com o rei, chamado Sarranaperima, e de tal modo que até abraçou a sua seita, e determinou ir acabar os seus dias em Méca, dividindo os seus dominios

entre os seus parentes, e deixando a um sobrinho que muito estimava o paiz, que formou depois o reino de Calecut.

Para o exaltar acima dos principes, que iam disfructar tão ricos despojos, deu-lhe a sua espada, mandou aos outros que lhe obedecessem, e o tivessem por seu imperador, salvo os reis de Coulão e Cananor, e que só o rei de Calecut pudesse cunhar moeda, emcommendando a este que fizesse povoar o logar do embarque, e promovesse a prosperidade da cidade de Calecut, que tanto se engrandeceu mais tarde, a ponto de ser ali o melhor e o mais rico emporio commercial de toda a India, pois n'ella abundavam todas as especiarias, pedras preciosas, perolas, aljofares, porcelanas, ouro, ambar, cera, marfim, seda, tecidos, alcatifas, cobre, azougue, coral, e um sem numero de outras mercadorias de grandissimo valor; dando assim a maior abundancia das coisas, que são necessárias á vida, como tambem d'aquellas que servem ao luxo e aos prazeres.

Foram sempre seus principes da classe dos brahmanes, a mais religiosa e douta, segundo a sua opinião, e grandes observadores dos preceitos de Pythagoras. No pagode, ou casa de oração de seus idolos, devia existir sempre um rei que o servisse, e, môrto um, era logo pôsto em seu logar o que reinava, e acclamado o successor d'este ultimo.

Não tinham a lei do casamento; mas viviam em companhia de uma mulher, que tratavam com magnificencia, e que abandonavam quando lhes parecia; nem o reino passava aos filhos que d'ella haviam, mas sim

aos irmãos, e, na falta d'estes, aos sobrinhos filhos de irmãs.

As condições sociaes estavam essencialmente divididas em duas classes, poléas ou plebeus, e naires ou nobres. Estes eram valentes e muito dextros no exercicio das armas (arcos, frechas, agomias (1), espadas e adargas), e tão fortemente preoccupados com a sua nobreza, e ciosos de a conservarem sem mancha, que, se um poléa os tocava, reputavam esse facto como sendo uma grande desgraça, e se purificavam com abluções.

Admittiam a polygamia, e os naires gosavam do privilegio de não poderem ser prezos nem morrer por mandado da justiça, pois que, se acontecia que um d'elles assassinasse um outro da sua raça, ou matasse vacca — o que entre elles constituia um grande peccado, porque as adoravam —, ou dormisse com mulher villã, comesse em casa de poléa, ou dissesse mal do seu rei, tiravam-lhe a vida os outros naires ás cutiladas, por ordem do soberano.

Eis aqui a descripção rapida e muito abreviada das regiões, a que haviam aportado os nossos navegadores, das suas condições geographicas, dos seus fundamentos historicos, dos costumes e indole dos seus habitantes, do seu culto religioso, e dos principios que serviam de base ao seu systema governativo.

(1) Faca um pouco encurvada, especie de pequena fouce, de que se servem os mouros.

*

* *

Prosigamos agora no assumpto, que entendemos dever interromper com esta pequena digressão, que de certo era reclamada para sua illustração e desenvolvimento.

Mandou Vasco da Gama a Calecut um dos degredados para colher informações, que o auxiliassem no intuito de desempenhar convenientemente a elevada missão, de que o seu rei o havia incumbido.

Grande era a affluencia de gente que concorria em volta dos navios para ver o estrangeiro, cujo trajo, para todos desconhecido, dava manifesto indicio de que a frota não era de mouros, circumstancia esta que mais se evidenciava ainda no facto de não responderem os nossos ao que os naturaes lhes diziam na lingua usada e conhecida n'aquellas regiões.

Outra demonstração clara do auxilio e protecção celestes tiveram os nossos n'essa mesma occasião, e dos auspicios favoraveis sob cuja influencia era dirigida aquella tão memoravel e gloriosa empreza.

Entrando um dos portuguezes na pousada de dois mouros naturaes de Tunis, onde o haviam condusido para saberem d'elle toda a verdade, um d'esses mouros, por nome Monçaide (1), se lhe dirigiu fallando em

(1) Veiu para Portugal com Vasco da Gama, e abraçou a religião catholica. Não será arriscado sustentar, que Monçaide foi de grande utilidade aos nossos pelo zelo e intelligencia com que os serviu.

castelhano, e declarou lhe que vira portuguezes e com elles communicara na sua patria, e, entrando em maior conversação, lhe fez amigavel acolhimento, prestando-se de muito bôa vontade a acompanhal-o a bordo.

Chegados á nau capitania, o mouro exclamou, dirigindo-se a Vasco da Gama:

—Boa ventura! Boa ventura! Muitos rubis! muitas esmeraldas! Muitas graças deveis dar a Deus, porque vos trouxe a uma terra, onde se encontram toda a especiaria e pedraria, e todas as riquezas do mundo!

O Gama, e todos os que o ouviram exultaram de prazer; e, recebendo-o com o maior agrado, o grande capitão portuguez informou-se miudamente de tudo o que lhe podia convir para o seu fim.

A este episodio se refere o nosso grande epico em uma das suas magnificas estrophes:

> Em vendo o mensageiro com jucundo
> Rosto, como quem sabe a lingua hispana,
> Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
> Tão longe da tua patria lusitana?
> Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
> Por onde nunca veio gente humana;
> Vimos buscar do Indo a grão corrente,
> Por onde a Lei Divina se acrescente.
>
> CAMÕES. Luziadas, Canto VII.

Monçaide satisfez a curiosidade do impaciente descobridor, e, dizendo que fôra ter a Calecut por via do Cairo, manifestou sem rebuço os sentimentos que o animavam em favor de Portugal, affirmando ao Ga-

ma que podia contar com os seus serviços, que, n'aquellas tão remotas regiões, haviam de ser-lhe de grandissima importancia.

O immortal cantor das nossas glorias continua:

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e coisas d'ella.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

CAMÕES. Luziadas, Canto VII.

CAPITULO III

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
De Nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao pôvo alvoroçado:
O remo compassado fére frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

CAMÕES. Luziadas, Canto VII.

O Çamorim mostra satisfação pela chegada da frota portugueza — Divergencia de opiniões — Vasco da Gama, não obstante o voto contrario de alguns dos seus capitães, resolve ir apresentar ao rei de Calecut a embaixada de El-Rei de Portugal — Preparativos de desembarque — Os portuguezes em terra — Entrada na cidade de Calecut — O paço real — Cerimonial da recepção — O rei de Calecut e a sua pouca cortezia — Palavras altivas do embaixador portuguez.

Decidiu-se o Gama a enviar a terra Fernão Martins, como interprete, em companhia de Monçaide, e, porque este lhe dissera que o rei estava em Panene, villa

situada a cinco leguas de distancia da costa, e que era homem interesseiro, que muito bem o receberia, se lhe désse a entender que do commercio com Portugal lhe resultariam vantagens, deu instrucções ao seu enviado n'este sentido, e ordenou-lhe que pedisse licença para entregar as cartas de El-Rei de Portugal, passo que teve o desejado effeito, pois que o Çamorim mandou dizer ao Gama, que muito estimava a sua vinda, e que fosse ancorar em Pandarane, porto mais seguro do que o de Calecut, onde primeiro surgira, e se dirigisse por terra á capital, mandando-lhe ao mesmo tempo um piloto para o conduzir ao nôvo ancoradouro.

O capitão portuguez, porem, sempre prudente e cauteloso, foi ancorar fóra do pôrto, o que foi medida muito bem acertada, como o demonstraram mais tarde os successos occorridos.

Antes de annuir ao convite do Catual (1), que lhe communicara que fôra a Pandarane com um luzido sequito por ordem do seu rei para o acompanhar á capital, affirmando-lhe que podia desembarcar quando quizesse, reuniu conselho para concertar o que melhor conviesse com respeito ao seu desembarque.

Foi prolongado o debate, e de muito pezo as razões, que pró e contra se adduziram.

Vasco da Gama expôz que estava resolvido a ir assentar trato e amisade com o rei de Calecut; porem

(1) Castanheda diz que o catual correspondia a corregedor da côrte, ao passo que Faria e Sousa affirma que a traducção da palavra era: governador.

seu irmão Paulo da Gama foi o primeiro que opinou contra tal decisão, fundando-se em que muito maior razão havia para receiar a morte em Calecut, do que em Moçambique; pois era natural que os mouros lh'a preparassem, em razão de terem grande odio aos portuguezes, que iam ali disputar-lhe os beneficios do seu tão rico e abundante commercio; acrescentando que melhor seria enviar outras pessoas em seu logar, por quanto a falta d'elle capitão mór seria irreparavel, e talvez d'ella proviesse a inutilisação de tantas e tão prolongadas fadigas.

Este parecer teve a appoial-o o consenso quasi geral; mas o grande Vasco da Gama, dotado como era em elevado grau das qualidades que constituem o homem talhado para as façanhas de alto renome, não se deixou abalar pelas razões e instancias, que combatiam a sua deliberação, e, com o fim de destruil-as, disse, que iria cumprir a embaixada, que por El-Rei lhe fôra incumbida, ainda mesmo com a certeza da morte, pois que a missão, de que se encarregara, e os deveres que contrahira, lhe impunham a obrigação de apresentar em Portugal provas irrefragaveis do descobrimento da India, formando assim o seu credito e o dos seus companheiros, que, não levando a effeito o seu intento, grande risco correria.

Declarou que preferia morrer a expor-se a um tão grande desaire, e observou que ponderassem todos que o perigo não era tão grave como imaginavam, por quanto as convenções, que ia ajustar com o rei de Calecut, eram por elle consideradas como vantajosas, e que a honra de estabelecer essas relações não

seria por elle trocada por nenhum preço, e nem mesmo pela propria vida.

Insistiu tambem em que — alem de ser obrigado a ir pessoalmente cumprir a sua missão — poderia o Çamorim dar-se por offendido se outrem se apresentara a desempenhal-a, pois que em nenhum outro reconheceria authoridade para com elle tratar, nem a pessoa que o substituisse poderia acudir de prompto ao que sobrevíesse, embora fosse munido de amplas instruções; concluindo afinal que se, contra o que esperava, o prendessem ou matassem, melhor seria que tal lhe acontecesse por cumprir o que devia, do que ficar vivo por faltar ás suas obrigações; e que, mesmo no caso de que esse desastre se produzisse, ficariam os navios a salvo, e, fazendo-se de vela em seguida, iriam a Portugal dar novas do descobrimento.

É esta a linguagem do verdadeiro patriotismo, e digna dos grandes heroes, que Roma e Grecia tanto se ufanavam de possuir nos aureos tempos da sua maior grandeza!

Vendo todos que aquella determinação tomada pelo capitão-mór era irrevogavel, e conhecendo o caracter firme e constante e a intrepidez de tão grande homem, assentiram por fim ao seu proposito, e accordaram em que o acompanhassem doze pessoas, sendo para esse fim designados Diogo Dias, seu escrivão, Fernão Martins, o interprete, o seu veador João de Sá, um marinheiro por nome Gonçalo Pires, Alvaro Velho, Alvaro de Braga, e mais seis cujos nomes a historia não conservou.

O proprio Gama se oppôz a que fosse maior o nu-

mero dos seus companheiros, porque as enfermidades e trabalhos de tão prolongada navegação, e a má influencia dos differentes climas, tinham consumido muita gente, e elle cuidava mais em assegurar a frota do que a sua pessoa. Alem d'isto, depois de ordenar que, durante a sua ausencia, fosse seu irmão considerado para todos os effeitos como capitão-mór da frota, recommendou que não fosse n'esse periodo recebida a bordo uma qualquer pessoa, e que Nicolau Coelho fosse todos os dias esperal-o nos bateis.

Foi no dia 28 que Vasco da Gama pôz em execução o que determinara, e, embarcando nos bateis mui ataviados com flamulas e bandeiras, ostentando o capitão portuguez e os da sua comitiva uma grande magnificencia no seu trajo, puzeram as prôas á terra, sempre ao som das trombetas.

O Catual, que o esperava acompanhado por duzentos naires, fez lhe uma agradavel recepção, apresentando-lhe da parte do soberano uma especie de andor (1) para ser conduzido. Puzeram-se todos a caminho, e, chegando a um rio, tomaram, antes de embarcarem, uma pequena refeição, composta de pescado cozido, arroz, e as fructas da terra, jacas, mangas e figos, que eram mui saborosas.

Embarcados os nossos em duas almadias juntas

(1) Verdadeiros leitos de andas, mas descobertos e quasi razos. Eram conduzidos sobre os hombros de quatro homens, que corriam quando era necessario, andando assim muito caminho em pouco tempo. Podiam sentar-se os que n'elles iam, cobertos com sombreiros de pé. Havia tambem uma outra especie de andores com uma cama por cima, em arco, e que por muito leves podiam ser conduzidos só por dois homens.

uma á outra em forma de jangada, e o Catual e a sua gente em outra, foram rio acima, sendo grande o concurso de povo, e, passada uma legua, voltaram a assentar-se nos andores, chegando em breve a um pagode todo lavrado de cantaria com telhado de ladrilho, annunciando uma grande formosura interior, com sinos e outros signaes exteriores, que desde logo deram a entender aos nossos que era egreja de christãos.

Entrando com o Catual, foram ali recebidos por quatro brahmanes, nus da cintura para cima, cobertos com um panno desde a cintura até os joelhos, e um outro sobraçado, a cabeça descoberta, e um certo numero de tiras por cima do hombro esquerdo, e lançadas por debaixo do direito.

Os brahmanes espalharam agua sobre os nossos com um hyssope, e offereceram-lhe pós de sandalo moido para porem na testa, tudo com grandes visagens e reverencias.

Em seguida o Gama e os seus companheiros percorreram o pagode, no qual viram pinturas horriveis de monstros e féras, elevando-se no meio uma capella redonda bem lavrada, com portas de bronze, dentro da qual se via a imagem de uma mulher dentro de uma especie de nicho, e que a pouca luz não deixava distinguir muito bem, não permittindo os malabares que os nossos ali entrassem.

Um respeitoso alvoroço e prostrarem-se por terra, repetindo as palavras: *Maria! Maria! Maria!*, foi a resposta que deram os malabares, quando os nossos os interrogaram sobre a significação d'aquella pequena capella, fechada com portas de bronze, e Vasco da Gama

e os seus companheiros, persuadindo-se de que era venerada ali a Virgem Santissima, curvaram os joelhos (1), ao mesmo tempo que os malabares se deitavam no chão tres vezes de bruços com as mãos por diante, erguendo-se depois para fazerem oração em pé.

Chegaram finalmente a Calecut depois de terem andado proximamente cinco leguas, augmentando cada vez mais o concurso de povo, de modo que á entrada da cidade era já tão grande a multidão, que os nossos não podiam romper.

Por fim o Catual entrou em uma casa.

A gente affluia nas portas, nas janellas, e até nos telhados, e era indizivel o alvoroço com que todos procuravam gosar um espectaculo, que para todos era completamente novo, e despertava por isso grandissima curiosidade.

O paço real, não obstante ser terreo, era muito vasto, e apresentava uma perspectiva muito vistosa, regular e symetrica, com jardins, tanques, e outros sitios de recreio.

Sairam muitos caimaes (2) e outros senhores a receber o embaixador de um principe, que tinha os seus Estados nos ultimos confins do occidente; entraram com elle em um terreiro muito extenso, e d'ali passaram por quatro pateos, a cujas entradas se acha-

(1) João de Sá duvidava de que fosse de christãos aquella egreja por causa das horriveis pinturas que observava, e ajoelhando disse: «se isto é diabo, eu adoro aqui o Deus verdadeiro». Vasco da Gama olhou para elle e sorriu.

(2) Titulo dos principes e maioraes do Malabar.

vam postados porteiros, que faziam affastar o pôvo á força de pancadas, ficando ali muitas pessoas maltratadas, não só por este motivo, como tambem por effeito do grande apertão.

No ultimo dos pateos appareceu um homem baixo, já velho, brahmane-mór do rei, que abraçou Vasco da Gama, e o introduziu com os seus em um salão cercado de assentos de páu, uns acima dos outros a modo de theatro, com o chão coberto de velludo verde de pello, e as paredes ornadas com sedas de muitas e variegadas côres.

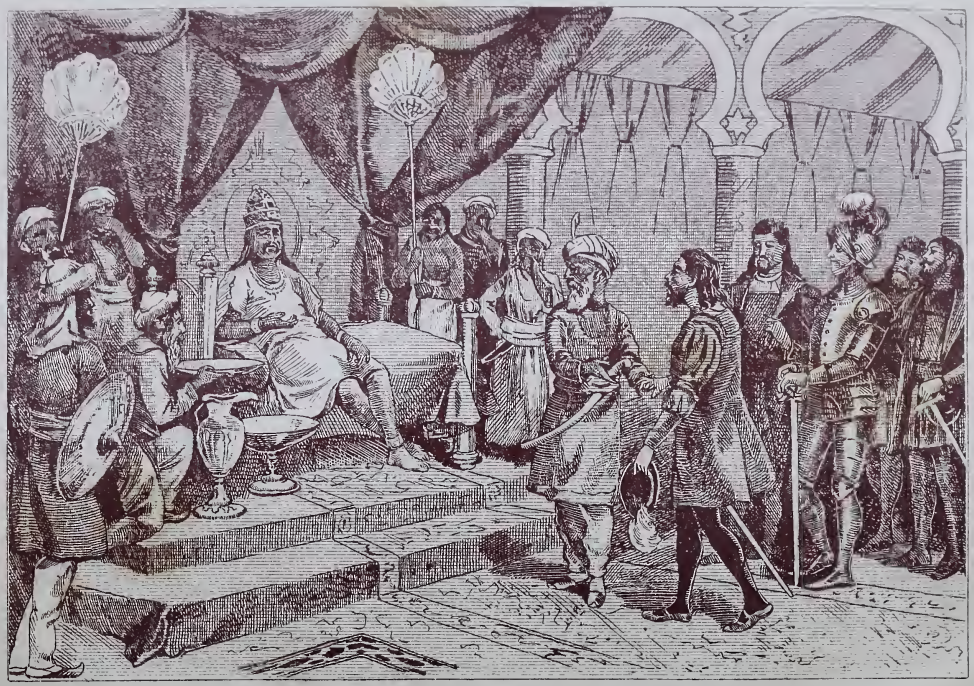
Era ali que se achava o soberano.

O rei era um homem corpulento, de meia idade, e estava meio estendido sobre um catele (pequeno leito) coberto com um panno branco tecido a seda e ouro, e encimado com um riquissimo sobrecéo.

A sua presença e adornos respiravam veneravel magestade. Tinha na cabeça uma especie de mitra de velludo, guarnecida de muitas perolas, e nas orelhas arrecadas de fina pedraria. Tinha vestido um bajú(1) branco de panno de algodão finissimo com botões de perolas mui grossas, e casas feitas a fio de ouro, e cingido um panno do mesmo algodão, que lhe chegava aos joelhos, e os dedos das mãos e dos pés cheios de anneis de ouro com finissima pedraria, nos braços muitos braceletes ricos e nas pernas largas manilhas de ouro.

Junto do catele estava uma batega (especie de vaso com bacia) de pé alto, toda de ouro, que continha o

(1) Especie de tunica com mangas largas.



Recepção de Vasco da Gama no paço Real de Calecut

«O brahmane-mor, que por sua idade e apparencia inspirava respeito, tomando o Gama pela mão, apresentou-o ao Çamorim, a quem o capitão portuguez saudou ao modo do paiz...» (Pag. 41)

bethel,(1) que o rei mastigava com aréca(2). Para receber o bethel depois de mastigado, e abundante saliva que tal mastigação provocava, via-se ao pé uma escarradeira de ouro, tamanha como uma bacia de mãos, tambem de pé, e um guinde(3) do mesmo metal precioso, com agua para o rei lavar a bôca, quando acabava de mastigar o bethel.

Uma pessoa grave, de venerando aspecto, segurava nas mãos um prato de ouro com aquella planta, e os personagens que compunham a côrte, tinham a mão esquerda diante da bôca, para que o seu halito não incommodasse o soberano, o que era tido em conta de grande irreverencia e desrespeito.

O brahmane-mór, que por sua idade e apparencia inspirava respeito, tomando o Gama pela mão, apresentou-o ao Çamorim, a quem o capitão portuguez saudou ao modo do paiz, inclinando-se trez vezes com as mãos juntas e estendidas para diante como quem louvava a Deus. O Çamorim, embora dirigisse para elle um olhar de agrado, acompanhado com um leve sorriso, tão ligeiramente correspondeu á saudação, que mal foi visto o seu movimento de inclinar a cabeça, fazendo-lhe signal para que se aproximasse, e tomasse assento sobre os degraus do estrado, em que se achava erguido o catele.

Entraram em seguida os portuguezes da comitiva

(1) Herva aromatica do Malabar.

(2) Fructa do tamanho de nóz moscada. Mastiga-se em toda a India, porque faz bom halito, é estomacal e mata a sede. Os indios não a engolem; logo que a mastigam, lançam-n'a fóra, e tomam outra.

(3) Do feitio de um jarro de deitar agua ás mãos.

de Vasco da Gama, e saudaram tambem o rei, que os mandou assentar defronte de si, e lançou-lhes agua ás mãos para se desencalmarem, porque, posto fosse inverno, era grande o calor que se sentia; depois, lavadas as mãos, ordenou que lhe dessem figos e jacas.

Disse o rei ao Gama, por intervenção do interprete, que fallasse com aquelles homens honrados que ali se achavam, e que lhes manifestasse e desenvolvesse o objecto da sua vinda.

Não ficou o capitão portuguez muito satisfeito com esta indicação, por a attribuir a desprezo e pouca cortezia, e respondeu, tambem por intermedio do interprete, que era embaixador do monarcha portuguez, rei mui poderoso e respeitado, e que os reis christãos não costumavam receber as embaixadas por terceiras pessoas, e sim por si proprios, e em presença de poucos individuos, e esses da maior confiança.

Mostrando-se resentido o valoroso capitão, expressou-se com a maior franqueza e dignidade, tanto para sustentar o bom nome do seu rei e senhor, que ali representava, como tambem para que não soffresse mancha o seu proprio credito, declarando sem rodeios que só ao rei daria a sua embaixada; ao que o Çamorim se não negou, replicando que fosse o Gama com o interprete para uma outra sala, onde havia outro catele, do mesmo modo guarnecido, indo o soberano para ella, e ficando os nossos com toda a côrte na primeira.

Principiou logo depois a conferencia, a que assistiram, alem do rei e do seu interprete, de Vasco da Gama, e de Fernão Martins, o brahmane-mór, o ve-

lho que ministrava o bethel ao soberano, e um vedor da fazenda.

Perguntou o Çamorim de que parte do mundo era, e com que fim ia aos seus Estados, ao que respondeu o Gama dizendo que era embaixador de El-Rei de Portugal, nos confins do Occidente, soberano mui poderôso por seus Estados, povoação, e generos que as suas terras e industrias produziam; que, havia sessenta annos, tendo noticia de que na India existiam Potentados, com os quaes muito lhe conviria firmar intima alliança de paz e commercio, e de que alguns d'elles eram christãos, e poderosissimos, principalmente o monarcha de Calecut, mandara por seus capitães descobrir aquelle reino, para estabelecer e estreitar aquellas appetecidas relações, projecto em que havia proseguido á custa de muitos perigos e despezas, e fazendo incalculaveis sacrificios; que D. Manuel, então rei de Portugal, resolvido a ultimar o que os seus predecessores haviam tão gloriosamente principiado, e que já tinha tão reconhecido progresso, lhe commettera aquella empreza, incumbindo-o de a realisar debaixo das bases expostas, e encarregando-o de entregar a elle, Çamorim, duas cartas, que lhe daria na audiencia proxima, confirmando-lhe ao mesmo tempo de viva voz os desejos que nutria de ser seu alliado e amigo, esperando que lhe enviasse um embaixador para ajustar e ratificar a paz.

O Çamorim mostrou que muito folgava com este discurso, e deu os parabens a Vasco da Gama por a sua chegada; acrescentando que, como El-Rei de Portugal queria ser seu amigo, elle corresponderia a es-

ses sentimentos, e lhe enviaria em breve um embaixador.

Depois de descrever em quatro estrophes verdadeiramente admiraveis a allocução, dirigida pelo grande capitão portuguez ao soberano de Calecut, o inimitavel cantor de nossos heroicos feitos continua :

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que, em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia :
Mas n'este caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente, e terra que dissera.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
.....
.....

Informou-se depois o rei sobre algumas outras circumstancias, e por fim disse ao Gama que se recolhesse com os seus, encarregando a um mouro seu feitor que os fosse aposentar, e lhes fizesse dar todo o necessario para a sua alimentação.

D'este modo se passou a solemne embaixada, que Vasco da Gama levou ao Çamorim em nome de El-Rei D. Manuel, e que dava esperanças de ser seguida de uma paz solida e duradoura, como de certo aconte-

ceria, se a ambição d'aquelle principe, as intrigas dos cortezãos, e o desejo que os devorava de amontoarem riquezas, se não tivessem mettido de permeio, acarretando sobre aquelle paiz uma verdadeira alluvião de males e prejuisos.

CAPITULO IV

——

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo: que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

CAMÕES, Luziadas. Canto VIII.

Os negociantes mouros julgam-se prejudicados nos seus interesses, e tramam na sombra a ruina dos portuguezes — Subornos e ardis = Palavras desdenhosas do Catual com respeito ao pequeno valor do presente, destinado pelo capitão portuguez ao rei de Calecut — Vasco da Gama vae de nôvo á presença do Çamorim, que se mostra mal impressionado pelas fraudulentas e calumniosas instigações dos inimigos dos portuguezes — Resposta digna e firme do intrepido navegador — O Çamorim, convencido de que nenhum fundamento tinham as accusações dirigidas contra os portuguezes, recebe a mensagem de El-Rei D. Manuel, a qual em tudo concorda com as palavras de Vasco da Gama.

Depois da embaixada solemne ao Çamorim, julgou Vasco da Gama que, havendo levado a bom fim a parte mais difficultosa da grande empreza, que o seu rei

lhe havia commettido, seria de mais facil execução a parte restante, pois assentava no interesse dos dois Estados, que, firmando relações politicas e commerciaes, dariam á publica prosperidade bazes solidas e indestructiveis.

Não se verificou porem a sua esperança, e o imperio que os portuguezes iam levantar na Asia tinha de nascer entre o fragor das armas e o estrepito das victorias, tendo por cimento o sangue de um sem numero de inclitos heroes.

Todos quantos impulsos podem desorientar e preverter o homem foram postos em acção afim de que ficasse mallogrado tamanho feito, e a chegada dos portuguezes foi como a faisca electrica, que communicou insolito e estrondoso movimento a todos aquelles que se julgavam prejudicados por tal acontecimento.

Os negociantes mouros, que faziam por assim dizer exclusivamente o precioso commercio d'aquellas regiões, não podiam tolerar a competencia, e imaginaram todos os meios e ardis, que pudessem de qualquer forma concorrer para o bom resultado dos seus designios e esperanças: a expulsão dos portuguezes da India, e mais ainda, a sua ruina total e completa, para que, não voltando nenhum d'elles á patria, nenhum vestigio ficasse de semelhantes tentativas, e o máu exito fizesse descoroçoar os que pensassem em repetil-as.

A intriga e o suborno foram as armas mais poderosas de que se valeram, e só a manifesta protecção da Providencia foi capaz de frustrar os manejos de tão incansaveis adversarios, cujo terror augmentava

por saberem que o Çamorim recebera bem Vasco da Gama, e escutara com agrado as suas propostas; por quanto, sendo aquelle principe muito inclinado a amontoar riquezas, a concorrencia dos portuguezes no mercado commercial accrescentava consideravelmente os rendimentos do thesouro, diminuia o preço das mercadorias que os mouros levavam, e augmentava o dos generos do paiz.

Trataram pois de peitar o Catual e o feitor do rei, persuadindo-os de que Vasco da Gama e os seus eram corsarios que viviam só de roubos e extorsões; que tinham infestado aquelles mares e saqueado muitas cidades; que iam espiar aquellas paragens para saberem quaes os navios que se esperavam para voltarem depois a tomal-os; e que por isso era indispensavel não deixar que sahissem de Calecut, matando-os em quanto eram poucos para que não levassem á sua terra novas do descobrimento, evitando-se assim que voltassem mais tarde em maior numero, e fosse então impossivel destruil-os.

Acompanharam estas suggestões com mil outras invenções ajudadas por muitas e valiosas dadivas, e, tratando o Gama de mandar ao rei o presente que lhe destinara, lhe advertiu Monçaide que não era permittido envial-o sem que primeiramente o visse e examinasse o Catual, conforme o uso do paiz, seguido por todos os que pretendiam ali assentar trato.

Sugeitou-se o Gama a esse costume, e ficou sobremodo indignado por lhe declarar aquelle ministro que o presente não era digno de ser apresentado a um rei tão poderoso, que de qualquer mercador recebia ou-

tros de muito maior valia, accrescentando que lhe mandasse ouro e outras preciosidades, em que, segundo elle dizia, abundava o seu paiz; ao que o Gama replicou que, se fôra commerciante, assim procedera; mas que era embaixador, e que aquella dadiva era propriamente sua, pois que, não tendo El-Rei seu amo a certeza de que fosse feliz o resultado da expedição, não havia mandado um qualquer presente, reservando-se para enviar um que fosse adequado á grandeza e magnificencia dos dois soberanos, quando soubesse que a empreza se não mallograra.

Não se mostrou o Catual convencido com estas razões; porem o capitão portuguez insistiu mui agastado em que o deixassem fazer aquella offerta ao Çamorim para que este lhe transmittisse as suas ordens, e, conhecendo que não lhe era possivel dissuadil-os, conseguiu ao menos ser admittido a uma nova audiencia do soberano, com a condição porem, que fôra imposta pelo Catual e pelo feitor do rei, de que o acompanhariam elles ao paço, e assistiriam á conferencia, affirmando que assim lhes fôra ordenado pelo Çamorim, acceitando o Gama a imposição, pois que queria a todo o transe informar o rei do tratamento que lhe faziam nos seus Estados, e das intrigas contra elle urdidas.

Julgaram aquelles perfidos que não deviam negar-se a satisfazer a solicitação, que o Gama fazia com tanta firmeza, por se persuadirem de que poderiam assim mais a seu salvo amadurecer os seus planos, até que chegasse o momento propicio para a sua realisação. Comtudo, antes da conferencia, procuraram

predispôr o animo do rei contra os portuguezes, e, fazendo a narração do que haviam passado com o chefe da expedição, tão negras foram as côres do quadro traçado pela sua protervia e maldade, que Vasco da Gama, admittido á presença do Çamorim, depois de tres horas de espéra, e unicamente acompanhado pelo seu interprete, foi por este recebido seccamente, manifestando no semblante a pouco agradavel impressão que n'elle haviam produzido as dolozas e fraudulentas instigações dos calumniadores, e procurando com razões apparentemente plauziveis saber se seria verdadeira a accusação, que fôra feita aos portuguezes.

Disse lhe que estava informado de que era fingida a embaixada, e de que os portuguezes andavam vagabundos e desterrados da patria, constrangidos pela desgraça a exercerem o mister de piratas; que a distancia, que os separava do seu paiz e a difficuldade de tamanha empreza davam pezo a essa informação, assim como tambem o facto de não ter elle trazido dadivas do principe poderosissimo, de quem se dizia embaixador, constituia prova concludente d'isso mesmo, pois que esses presentes eram a fiança mais solida da estabilidade das allianças entre os potentados, para poderem ellas ser firmadas de um modo duradouro, e com reciproca vantagem, e nunca as vagas asserções de um navegador desconhecido; concluindo que, se era victima de falsidade nos crimes que lhe assacavam, francamente o declarasse, empenhando elle a sua palavra real de que n'aquelle imperio acharia amparo e protecção, pois que toda a terra era patria para um animo valôroso.

O Gama escutou o Çamorim com a mais prudente e serena constancia, e, sem que o perturbasse aquelle subito desenlace das machinações dos seus inimigos, repelliu vigorosamente as accusações que lhe eram feitas.

Testemunhou a sua gratidão pela confiança que o rei se dignava depositar na sua lealdade, e replicou que corresponderia a essa confiança expondo sem rebuço a verdade inteira e completa, expressando-se nos seguintes termos:

«Esperar de mim que em nada desfigure a verdade é acto digno de um caracter regio, que respeita a fé que os catholicos professam, e reconhece a indole que é propria dos portuguezes, sublimados entre as outras nações do mundo como observadores rigorosos d'esta grande virtude.

«Para ser fingida e simulada a minha embaixada conviria que aportassemos aonde não fossemos conhecidos, e a verdade é que a grandesa e o poder do soberano, que sobre nós impera, enchem o mundo. Teria visos de ficção, se dos thesouros que a natureza com mão prodiga derramou por estas regiões vos pedissemos uma parte, por trazer em troca outros generos commerciaes, em que abunda a Europa; mas o que solicitamos limita-se a alcançar que assenteis pazes comnôsco, estabelecendo relações de mutua utilidade, sem nada arriscardes.

«O que trouxermos será pela maior parte oiro e algumas variedades da natureza e da arte, necessarias á magestosa opulencia de um imperio tão assignalado

como é o vosso; o que levarmos serão coisas destinadas mais ao superfluo do que ao preciso da vida humana e ao explendor de um reino, como drogas e outros objectos, que tornam famigeradas estas regiões asiaticas, mas o luxo introduzido na sociedade chama necessario ao que deveria considerar-se superfluo, e é magnificencia de principes admittir em seus Estados coisas que quasi sempre tanto mais apreciam quanto mais estranhas ellas são.

« Julgaes deliberação superior ao pensamento humano a que realisamos, penetrando até estes remotos climas atravez de tantos riscos e de tão arduas fadigas; porem sabei que essas mesmas difficuldades nos estimularam a executal-a. O sublime espirito dos soberanos portuguezes nunca teve por grandes as acções que a todos são possiveis, e só nós que estão fóra da possibilidade commum cifram elles os seus triumphos e a sua gloria desde o fundamento do seu throno.

« Esta façanha está comprehendida no numero d'aquellas que os portuguezes teem como destinadas a ser por elles vencidas, e vós, que sois um poderoso rei, não julgareis impossivel, que outro vos busque como vós o poderieis buscar.

« Não apouqueis pois uma empreza, que vós sois capaz de commetter. Esse pensamento é só proprio d'esses mouros, que urdem contra mim tantas intrigas, e tantos embustes inventam para me perderem no vosso conceito. Os corações dos principes se dilatam muito além de seus Estados por mais vastos que elles sejam, e não terieis de certo como extraordinaria a minha

chegada, se soubesseis que os nossos ultimos quatro reis teem tomado muito a peito este descobrimento, e que eu nada mais fiz do que pôr a cupula e o remate a suas gloriosas fadigas, celebradas desde o fundamento portentoso da monarchia!

« Alguns principes africanos já comnôsco se alliáram, receberam a religião e o culto que seguimos, e mandaram os seus herdeiros não só a instruir-se n'elle, como tambem a adquirir os conhecimentos que conduzem á civilisação e a uma condição social mais aperfeiçoada. O facto de não vos trazer eu do meu rei os presentes, que correspondem á vossa grandeza, não deve induzir-vos a duvidar da sua magnanimidade, nem de que entre nós se sabe que é costume entabolar com elles semelhantes communicações; porem a incerteza de tocarmos o termo desejado do nosso descobrimento nos dispensa de tal dever, e, se o céu permittir que eu volte á patria com a nova de haverem sido felizmente coroados de bom resultado os meus esforços, vereis como hão de ser correspondentes á vossa grandeza, e do principe que vos procura como amigo e como irmão, e que vos offerece pactos de alliança e de commercio, assim como o auxilio das suas armadas e exercitos.

«N'esta viagem nada mais fui do que um aventureiro, ainda que venturoso descobridor. Accusarem-nos os mouros de piratas, e de que queremos prolongar a vida com prejuiso da alheia, é proprio de animos mal intencionados, semelhantes aos dos inimigos que tantas vezes temos vencido; e esta accusação facilmente se destroe, ponderando que, se esse fosse o nos-

so exercicio, gravissimas queixas precederiam a nossa chegada, e nem ousára um capitão de corsarios entregar-se nas mãos de um poderôso soberano. Os piratas tratam de exercer roubos, e não de propôr ajustes e convenções, ancorando em vossos portos, nem, se nos dessemos a tão infame e aviltante exercicio, careceriamos de fazer esta longa e penosa viagem. Só para executar as ordens do nosso rei e senhor, a quem tributamos não menos amor do que respeito, poderiamos arriscar-nos a tanto.

« Esses mouros fingem-se zelosos do vosso augmento e tranquillidade, quando o seu verdadeiro intento é favorecerem os seus interesses particulares, que julgam lezados no futuro por effeito da nossa concorrencia.

« Pouco custa a descobrir a verdade, ó grande rei, quando se manifesta tão brilhante e pura como acaba de ser por mim exposta, e, se é certo que, pelas apparencias de convicção que descubro em vosso real semblante, a sinceridade das minhas expressões conseguiu dissipar as suspeitas, que a preversidade havia suscitado, dae uma prompta e favoravel resposta á minha embaixada, para que eu possa brevemente voltar á presença do meu soberano com tão alegre noticia, espalhal a por toda a Europa, e tornar a estas regiões com as primicias de tão desejado commercio e amizade ».

O nosso grande epico, que ergueu á gloria e feitos dos portuguezes o mais perduravel e grandioso de todos os monumentos, apresenta, em estrophes de inimitavel primor, a allocução dirigida pelo esforçado ca-

pitão portuguez ao rei de Calecut, allocução que conclue do seguinte modo:

Esta é a verdade, Rei, que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descançar me deixaria
No nunca descançado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juïzo pode ver-se,
Que facil é a verdade de entender-se.

Em quanto o Gama fallava tinha o Çamorim pregados n'elle os olhos, e, notando o animo seguro, a nobilissima firmeza, e as razões ponderosas do intrepido descobridor, mostrou-se convencido das machinações dos mouros, a ponto de que, tendo-se recusado no principio da conferencia a receber as cartas de El-Rei D. Manuel, elle proprio as pediu depois; mas, receiando o Gama que as mandasse ler por mouros que por ventura lhes alterassem o sentido, rogou-lhe que as fizesse ler por christãos indios. O rei annuiu; mas forçoso foi confiar a mouros a leitura por não haver quem

entendesse o arabe (1), conseguindo o Gama que Monçaide fosse associado a outros tres interpretes.

Lida a mensagem, cujo contheudo condizia em tudo e por tudo com o que fôra ennumerado no discurso de Vasco da Gama, mostrou-se o Çamorim mui satisfeito, e lhe deu licença para voltar aos navios a buscar mercadorias e moedas, dispensando-o de deixar em terra cinco dos seus em quanto fosse.

(1) A carta de El-Rei era escripta em portuguez e em arabe; porém do nosso idioma não havia conhecimento n'aquellas regiões.

CAPITULO V

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão c'o Rei Gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pertende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achára.

CAMÕES. Luziadas, Canto IX.

Procura o Catual com varios ardis evitar que Vasco da Gama regresse a bordo dos seus navios — Exigencias traiçoeiras. — Resolve o capitão portuguez queixar-se ao rei, mas não consegue sahir da casa onde se achava como prisioneiro. — Volta afinal Vasco da Gama para bordo, e de lá escreve ao Çamorim informando-o de tudo o que lhe succedera. — Toma o rei algumas providencias em favor dos portuguezes. — Manda Vasco da Gama um emissario ao Çamorim, que o recebe desabridamente. — Prisão dos portuguezes na sua feitoria. — O capitão portuguez, como represalia, prende a bordo dos seus navios como refens seis dos principaes negociantes e mais dezenove de inferior condição. — Terror e consternação que este facto produz na ci-

dade. — Mutua tranzigencia. — Vasco da Gama parte de Calecut para Portugal, e desbarata no mar os navios do Çamorim, que haviam sahido em perseguição dos nossos. — Chegada da frota a Lisboa, onde é recebida com grande alvoroço a noticia do descobrimento da India. — Recompensas.

Retirou-se do paço real o capitão portuguez mui satisfeito pela victoria que alcançara, inutilisando os tramas dos seus inimigos, e, recolhendo á pousada acompanhado pelo Catual, não quiz partir para os navios por ser já tarde, sem presumir que aquelle ministro levaria a sua audacia ao excesso de lhe prohibir o que o soberano havia permittido ; mas em breve conheceu que de tudo devia desconfiar.

Logo ao amanhecer partiu Vasco da Gama para Pandarane com os seus, e com muitos naires. Os mouros, vendo aquellas disposições, tiveram grande receio de que os nossos se recolhessem aos navios, e lhes escapasse assim a preza, com que contavam, conseguindo do Catual á força de peitas e instancias que o demorasse, com o intento de o matarem, obrigando-se elles a obter-lhe perdão do rei pela desobediencia ás suas ordens.

O Catual, sedusido pelos subornos e suggestões dos inimigos irreconciliaveis dos portuguezes, correu em seguimento do Gama (1), que afinal conseguiu alcan-

(1) Refere Castanheda que o Catual fizera entender ao Gama por acenos, que parecia ir fugido, e que este lhe respondera que fugia da calma. Houve uma circumstancia que produziu talvez as occorrencias desagradaveis,

çar. Chegados por fim a Pandarane, pediu-lhe o capitão portuguez, que mandasse pôr á sua disposição uma almadia para os conduzir aos navios, ao que lhe tornou o Catual, dizendo que era já tarde, e que, visto estarem longe os navios, e porque em breve desappareceria de todo a luz do dia, seria melhor irem no dia seguinte para bordo.

Muito indignado se mostrou o Gama com semelhante recusa, e rompeu em ameaças, posto que infructuosas, protestando que partiria outra vez para Calecut afim de apresentar ao rei as suas queixas. O Catual, com o intuito de socegar aquella irritação, fingiu que mandava procurar almadias; porém dissimuladamente ordenou que se escondessem os donos d'ellas, não lhe valendo comtudo este ardil, porque o Gama, sempre perspicaz e vigilante, penetrou os seus designios, temeu que quizessem apoderar-se dos bateis que estavam ás ordens de Nicolau Coelho, e o mandou immediatamente prevenir por Gonçalo Pires e mais dois outros dos seus.

Entretanto proseguia o Catual em suas delongas e objecções, até que completamente escureceu, e o Gama viu-se constrangido a ficar em terra n'aquella noite. O Catual logo ao romper do dia entrou no seu aposento, e, ouvindo que o capitão portuguez insistia em ir a bordo, e lhe pedia embarcações que lá o condu-

que puzeram em perigo a vida dos nossos; e foi que os portuguezes, que deviam acompanhar o seu chefe, erraram o caminho, e Vasco da Gama foi obrigado a esperal-os até o sol pôsto, do que muito se agastou, e asperamente os reprehendeu por esse facto, que attribuiu a falta de cuidado.

zissem, começou mais claramente a patentear os seus occultos projectos, querendo persuadil-o de que devia mandar chegar os navios á terra. O Gama significou-lhe de um modo energico e terminante a sua recusa a esta solicitação, declarando que tal ordem nunca daria, e que, quando mesmo elle tivesse a fraqueza de ceder, seu irmão não obedeceria, e far-se-hia a véla para Portugal sem elle.

Esta resposta desafiou a colera do Catual e dos seus, que asseveravam ao Gama que só condescendendo o deixariam partir, ao que este respondeu com muito sangue-frio que tal não esperassem, e, querendo ir queixar-se ao rei, não pôde conseguil-o por estarem as portas da casa guardadas por naires, que nenhum portuguez deixavam sahir.

O Catual recorreu a todos os estratagemmas para levar a cabo os seus aleivosos projectos, ora ameaçando, ora empregando supplicas, o que tudo o Gama escutava com os labios contrahidos em um sorriso de altivo desprezo, e com uma tão manifesta coragem e resolução, que os seus inimigos se sentiam tomados de respeito, e não se atreveram a matal-o.

Quando d'aquelle modo se achava preso o intrepido capitão portuguez, chegou Gonçalo Pires com recado de Nicolau Coelho de que o esperava nos bateis; porem o Gama, participando-lhe o occorrido, lhe ordenou que voltasse para os navios, o que o emissario cumpriu sem demora, ainda que perseguido por muitas almadias, facto este de que claramente se deprehendia que o Catual, gosando em grau muito elevado as bôas graças do Çamorim, e conhecendo perfeita-

mente o seu caracter fraco e voluvel, nenhum receio tinha de que de taes intrigas resultasse castigo para elle.

Passado assim todo o dia, mais estreita e rigorosa foi ainda a prisão logo que anoiteceu, o que nem levemente influiu no animo e decisão do Gama, que constantemente animava os seus, receiosos de que os separassem. O Catual de tal modo admirou aquella constancia, que, convencido já de que não poderia obter o que pretendia por meio da severidade e da ameaça, determinou soltal-o se elle mandasse desembarcar as mercadorias que levava, por ser costume do paiz que qualquer mercador não pudesse tornar para bordo, sem que houvesse concluido em terra os seus negocios de venda e troca.

Com este estratagema esperava o Catual assegurar-se do seu inimigo, pois este lhe dera a entender que era de grande valor a sua mercadoria.

O Gama escreveu logo a seu irmão para lhe mandar alguma fazenda, afim de satisfazer aquelle homem cubiçoso, e conseguir assim que lhe désse liberdade inteira; ordenando-lhe porem ao mesmo tempo que, se tal não acontecesse, se fizesse logo ao mar em direcção a Portugal. Paulo da Gama mandou-lhe sem perda de tempo a mercadoria, e respondeu-lhe que, se não o puzessem em liberdade, havia de Deus dar tanto esforço áquella pouca gente, que estava na frota, que com ella esperava salval-o.

Desembarcada a fazenda mais augmentou ainda o rancor e desejo de vingança da parte dos mouros, por isso que o Gama, tendo conseguido afinal partir para bordo, escrevera de lá ao Çamorim, informando-o de

tudo o que lhe succedera, e dizendo-lhe que por taes factos se achava inhibido de voltar a terra; mas asseverando-lhe ao mesmo tempo que a sua armada estava completamente ao seu serviço.

Mas nem assim desistiram os mouros dos seus damnados intentos, e tiveram meio de conseguir que a fazenda se não vendesse, pelo que o Gama pediu ao Çamorim que consentisse em que fosse levada a Calecut, ao que o rei se não negou, fazendo alem d'isto tomar outras providencias em favor dos portuguezes, de cujas relações esperava auferir lucros muito consideraveis, chegando mesmo a mandar alguns mercadores guzarates para que comprassem a mercadoria, e a ordenar a um naire que fizesse defender a feitoria portugueza das insidias e ataques dos mouros.

Apesar de todos os obstaculos oppostos pelos inimigos dos portuguezes, estabeleceu-se desde logo uma communicação mui activa entre a armada e os habitantes, e em tão grande harmonia, que Vasco da Gama resolveu mandar ao rei um presente, incumbindo Diogo Dias de lh'o levar, significando-lhe ao mesmo tempo que brevemente partiria para Portugal, podendo Sua Alteza enviar o embaixador a El-Rei D. Manuel, e lhe rogava que concedesse a necessaria licença para que pudessem ficar em Calecut com a mercadoria o mesmo Diogo Dias, seu feitor, com o seu escrivão Alvaro de Braga, tanto para testemunho da paz e amisade que deixava assentada com Sua Alteza, como tambem para servirem de penhores da verdade da sua embaixada.

Só ao quarto dia foi Diogo Dias admittido á audien-

cia, e achou o Çamorim tão intractavel e desabrido, que chegou a suppor que o mandaria matar, recebendo em resposta que, visto o Gama querer partir, não poria a isso embaraços, mas que primeiro havia de pagar seis centos xerafins(1).

Diogo Dias, logo que deu entrada na feitoria, conheceu que elle e os seus compatriotas se achavam presos, e soube que se lançara pregão para que sob pena de morte ninguem fosse a bordo da nossa frota.

Cuidavam em terra que a traição era ignorada dos portuguezes; porem foram d'ella informados por Mon çaide, que sempre nos guardou fidelidade, e avisou o Gama de que o bom tratamento não era mais do que uma dissimulação odiosa para os attrahir a terra, e assassinal-os, ou esperar que chegassem as náus de Meca para os destruir. Com esta informação combinaram a de dois malabares, e de um escravo, enviado por Diogo Dias; o que, posto tudo em conselho, resolveu-se que se fingisse ignorancia do acontecido na cidade, e se fizesse represalia nas pessoas principaes, que por ventura fossem a bordo.

Illudidos assim os de Calecut, e convidados pelo bom tratamento que os nossos costumavam fazer-lhes, não cessavam as suas relações apesar das imposições do pregão, até que a chegada aos navios de seis dos principaes negociantes, e de mais dezenove de inferior condição, offereceu ao Gama ensejo opportuno para executar o que projectara, prendendo-os, e escrevendo immediatamente ao feitor do rei para que soltasse

(1) Vale cada um trezentos reis.

os portuguezes, e mandasse a fazenda com elles para bordo.

A inopinada prisão dos negociantes espalhou a consternação na cidade, e os clamores e queixas, que soltavam suas familias, abalaram o animo do Çamorim, que ainda assim permanecia irresoluto sobre o partido a tomar, em consequencia dos conselhos dos mouros, até que o Gama, levando ancoras, foi surgir a não muito grande distancia de Calecut, mostrando que era sua intenção seguir viagem.

Appareceu então um tone(1) navegando em direcção á nau capitania, onde entraram alguns malabares para dizerem que no dia seguinte seriam entregues os nossos, ao que o Gama replicou que, se não fossem logo mandados para bordo, mandaria cortar as cabeças d'aquelles que tinha em seu poder como refens, e tomaria vingança espantosa de tamanho attentado.

Grande foi o terror produzido por esta ameaça, e no dia seguinte logo de manhã foram recebidos os nossos na armada, enviando o rei um recado ao Gama, para que lhe remettesse o padrão, informando-o de que não se negava a que deixasse em Calecut o feitor, e mandando-lhe tambem, por elle assignada e escripta por Diogo Dias, uma carta para El-Rei D. Manuel.

Essa carta estava traçada sobre uma fôlha de palmeira, e era concebida nos seguintes termos: « Vasco da Gama, fidalgo de vossa casa, veiu á minha terra,

(1) Embarcação asiatica.

com o que folguei muito; em minha terra ha muita canela, muito cravo, gengibre, muita pimenta, e pedraria; o que eu quero da vossa é ouro, prata, coral e escarlata».

Tantas provas havia dado o Çamorim de que era refalsado e fementido o seu coração, que Vasco da Gama não quiz confiar n'elle, e, soltando alguns dos naires prisioneiros, reteve em seu poder os restantes até receber a fazenda. Depois, logo que esta lhe foi enviada, e, receando nova traição, fez-se de véla, levando comsigo alguns malabares, que serviriam de próva do descobrimento, bem como alguma especiaria, drogas e pedraria, sendo tambem acompanhado por Monçaide, o qual disse, que lhe tinham em Calecut confiscado tudo o que possuia, assacando-lhe que era espião dos nossos, e que temia attentassem contra a sua vida. O Gama recebeu-o a bordo, como reconhecimento aos relevantes serviços, que lhe tinha prestado.

Apesar da experiencia que os de Calecut tinham do valor, perspicacia e coragem do chefe portuguez, nem por isso deixaram de expedir contra elle setenta tones grandes, carregados de gente de guerra para os tomar; mas foram postos em fuga com damnos muito consideraveis.

O Gama estava sobremodo irritado contra o Çamorim; reflectindo porem que é dever de patriotismo sacrificar o resentimento em beneficio da utilidade geral, resolveu-se a escrever-lhe, desculpando-se pelo seu modo de proceder, provocado pela hostilidade dos mouros, e declarando que por tal facto não ficariam enfra-

quecidos os vinculos de amisade e alliança, que haviam sido estabelecidos entre dois tão grandes e poderosos principes. Escripta que foi a carta, mandou que ella fosse levada ao seu destino por um dos malabares, que tinha a bordo, e que para tal fim ordenou que fosse pôsto em terra.

Proseguiu a navegação de volta á patria, deixando um padrão no ilheu desde então chamado de Santa Maria, e foi dar a uma terra alta e aprazivel, onde fez aguada, e que achou habitada por gente de affavel trato. Ali houve vista de oito navios, que o Çamorim expedira em sua perseguição, e que foram pelos nossos destroçados.

Foi em seguida surgir na ilha de Andegiva, onde mandou fazer limpeza nos navios. Viu ao longo da costa sete embarcações, que os malabares que tinha a bordo reconheceram como pertencentes a um pirata por nome Timoja, que roubava fingindo-se pacifico, e o capitão portuguez ordenou logo que fossem accommettidos, conseguindo dispersal-os.

Quando os nossos se achavam entregues ao trabalho da limpeza e reparação dos navios, foi ao seu encontro um homem, dizendo que era christão do Levante trazido áquella terra em mui tenra idade, e que vivia com o Çabayo, senhor da ilha de Goa d'ali distante dôze leguas, e de muita terra no sertão, e de grande poder; acrescentando que em sua alma era christão, e que, sabendo que tinham ido christãos a Calecut, pedira licença ao Çabayo para ir vel-os, e que tanto os elogiara que obtivera d'elle que lhes offerecesse abrigo e protecção nos seus Estados.

Paulo da Gama, attentando bem n'aquelle homem, desconfiou de que fosse espia, e, interrogando alguns habitantes, soube d'elles que o desconhecido era o capitão-mor dos sete navios, que pouco tempo antes tinham ido accommetter os portuguezes. Os tormentos fizeram que elle confessasse toda a verdade: que era espião do Çabayo, e ia ali com o fim de examinar como estavam prevenidos os nossos para a luta, pois que os inimigos esperavam quarenta naus grossas para os atacarem e destruirem. O Gama fez-se logo de véla trazendo comsigo o gentio, que abraçou mais tarde o christianismo, é recebeu o baptismo com o nome de Gaspar da Gama.

Proseguindo a navegação sem acontecimento notavel na direcção de Melinde, foram então as tripulações assaltadas pela grave enfermidade, que tantas victimas causara já no rio dos Bons Signaes. Ali morreram mais de trinta homens, adoecendo quasi todos os outros; e por ouvirem que as calmarias eram geraes n'aquellas paragens durante alguns mezes, bradavam que arribassem a Calecut, ou outro porto, ao que o Gama se oppôz com grande esforço, e, sabendo que se fizera uma conjuração para o obrigar a annuir, prendeu os cabeças d'ella, e assim a suffocou.

Houve por fim vista da cidade de Magadoxo, contra a qual por ser de mouros disparou a artilheria, affugentou oito navios, que tinham sahido contra elle de uma villa chamada Pate, foi surgir em Melinde, onde se demorou cinco dias, mandou levantar em terra um padrão, e partiu levando comsigo um embaixador d'aquelle monarcha.

Fóra d'aquelle porto queimou o navio S. Raphael, tanto por fazer muita agua, como por não ter gente com que o tripulasse. Fez-se em seguida de véla com os dois que lhe restavam, e foi á ilha de Zanzibar, que era mui fertil e povoada, e com cujo rei assentou pazes.

Nos ilheus de S. Jorge mandou o Gama collocar um padrão(1). Depois, navegando a frota para a ilha de Santiago, apartou-se Nicolau Coelho uma noite, para ir levar a El-Rei D. Manuel a grande nova da descoberta da India, aportando á villa de Cascaes em 10 de junho de 1499. Sabendo que El-Rei se achava em Cintra para ali se dirigiu, afim de poder relatar-lhe o que acontecera.

Não pode expressar-se o grande alvoroço, com que foi recebida a noticia, embora houvesse ainda quem duvidasse da veracidade da narração, tanto porque Vasco da Gama não apparecia, e tal facto dava ensejo a suppôr-se que morrera, como por não haver mostra de especiaria, nem de coisa alguma da India, cujo descobrimento era por muitos tido por impossivel.

Vasco da Gama, achando de menos Nicolau Coelho, seguiu sua derrota para a ilha de Santiago, onde fretou uma caravella, que o levasse a Portugal mais depressa do que a náu, cujo commando incumbiu a João de Sá.

Viu-se porem forçado a fazer escala pela ilha Terceira por causa da doença de seu irmão Paulo da Ga-

(1) Foram seis os padrões levantados por Vasco da Gama em varios pontos durante as viagens do descobrimento.

Recepção do glorioso descobridor da India no paço dos reis de Portugal

«El-Rei D. Manuel mandou o conde de Portalegre, D. Diogo da Silva de Menezes, a recebel-o, e, conduzido ao paço real, foi ali acolhido com as demonstracões de estima e apreço, que por tão grande e heroico feito merecia..» (Pag. 69)

ma que ali morreu, deixando de si honrada e celebre memoria por suas grandes virtudes e serviços.

Entrou finalmente Vasco da Gama no pôrto de Lisboa em Setembro de 1499, tendo decorrido dois annos e dois mezes desde que sahira pela foz do Tejo em busca da India, trazendo cincoenta e cinco homens dos cento e quarenta e oito que levara, deixando descobertas mais mil e duzentas legoas do que Bartholomeu Dias (tirando uma recta desde o rio do Infante até Calecut), e dando a Portugal a posse das riquezas do Indo e do Ganges, e a vassalagem de grandes potentados.

El-Rei D. Manuel mandou o conde de Portalegre, D. Diogo da Silva de Menezes, a recebel-o, e, conduzido ao paço real, foi ali acolhido com as demonstrações de estima e apreço, que por tão grande e heroico feito merecia.

Desde então accrescentou El-Rei aos seus titulos os de Senhor da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.

As recompensas não corresponderam á grandeza do serviço prestado, se attentarmos na cobiça dos modernos tempos, e na applicação que d'ellas se faz; porem eram mui valiosas n'aquellas epochas de heroismo e de abnegação, em que para um portuguez tambem era remuneração a consciencia de haver servido de utilidade á sua patria.

Vasco da Gama recebeu então a mercê do titulo de Dom, para si e sua descendencia, por armas as reaes, a promessa do senhorio da villa de Sines, de onde era natural, e, quando se assentasse trato em Calecut, a

faculdade de lá carregar duzentos cruzados de especiarias, sem pagamento de direitos.

Só mais tarde, e depois de haver illustrado mais ainda o seu nome com outros feitos de alta valia, é que lhe foram dados os titulos de Conde da Vidigueira, e de Almirante do mar das Indias, com quatrocentos mil reis de tença, como ao diante teremos occasião de ver.

CAPITULO IV

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira.
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano indico suspira
E que os Gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro, e ira
Provariam do braço duro, e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

CAMÕES. Luziadas, Canto X.

Nova expedição á India sob o commando de Pedro Alvares Cabral — Descoberta do Brazil — Temerosa tormenta no alto mar. — Quatro navios engulidos pelas ondas encapelladas, sendo um d'elles o de Bartholomeu Dias — Chegada a Quiloa, a Melinde, e por fim a Calecut. — Pedro Cabral é recebido em terra com grande cerimonial pelo Çamorim. = Estabelecimento de uma feitoria — Novas intrigas e calumnias. — Coje Bequim e Coje Çamecerim — O Çamorim, receiando os effeitos da justa colera dos portuguezes, procura serenar a tempestade — A nau dos elephantes — Novas queixas ao Çamorim, que pensa illudil-as com evasivas e indicações traiçoeiras — Assalto á feitoria portugueza — Tremenda vingança tirada por Pedro Ca-

bral: a cidade de Calecut meio destruida pelo fogo, e os seus habitantes dizimados pelo ferro dos vingadores — O Çamorim foge da capital do seu reino.

Mui festejada foi a nova do descobrimento, resolvendo El-Rei D. Manuel proseguir na empreza com o maior empenho, designio em que era vivamente applaudido por todos os que presavam a gloria e o engrandecimento da patria.

Apparelhados treze navios para uma nova expedição áquellas remotas paragens, incumbiu o seu commando a Pedro Alvares Cabral, homem illustre, não menos por sua preclara e antiga ascendencia, do que pelos altos predicados que o enobreciam.

Disposto tudo para a partida, deu toda a esquadra á véla aos 9 dias do mez de março de 1500, levando mil duzentos homens, que eram capitaneados por Sancho de Tavora, Nicolau Coelho (que acompanhara Vasco da Gama), Aires Gomes da Silva, Simão de Azevedo, Vasco de Athaide, Pero de Athaide, Simão de Pina, Nuno Leitão, Bartholomeu Dias (o descobridor do cabo da Boa Esperança), Diogo Dias, seu irmão (a quem Faria e Souza dá o nome de Pedro), Gaspar de Lemos, e Luiz Pires.

Seguiu Cabral sua viagem, e, separado da esquadra o navio de Luiz Pires, que arribara a Lisboa por causa de tormenta, navegou com fortuna varia, até que aos 24 de abril avistou terra, a que pôz o nome de Porto Seguro. Ali, tomando dois homens do paiz, e fazendo-lhes bom trato, concorreram outros aos navios

levando refrescos, e manifestando amigaveis disposições.

Cabral, confiando n'aquellas demonstrações de ingenua sympathia (que em homens não corrompidos e no estado quasi primitivo são quasi sempre mais dignas de credito, do que quando emanam de quem se diz civilisado) desembarcou, e mandou celebrar actos religiosos, fazendo levantar um padrão com uma cruz, dando por tal motivo á terra novamente descoberta o nome de *Santa Cruz*, que depois se perdeu, conservando o de *Brazil*, que prevaleceu por ser esse o que tem o precioso pau de tinturaria, que se deriva da palavra *brazas*, dado ao pau Brazil por causa da sua côr vermelha parecida com o fôgo (1).

Não quiz o almirante retardar noticia tão agradavel, e expediu Gaspar de Lemos com um dos naturaes do paiz para transmittil-a a El-Rei, partindo d'aquellas praias, com os onze navios que lhe restavam, em 3 de maio, deixando ali dois portuguezes para se instruirem na lingua e costumes dos indigenas, e para colherem as informações, que pudessem servir de utilidade.

Navegando na direcção do Cabo da Bôa Esperança, teve que atravessar um extenso golpho de mil e duzentas leguas, de temerosa recordação para os navegantes pelos bravissimos ventos que ali cruzam, e pelas procellas tremendas que n'aquelles mares revolvem as suas iras.

(1) Esta etymologia lhe attribue Faria e Souza.

De lastimosa memoria foi a tormenta que soffreu a esquadra n'aquelles mares, e funestas foram as suas consequencias.

Em 12 de maio avistou-se um cometa na direcção do Cabo, e este successo foi tomado pelos navegantes — sempre inclinados a tirar de causas naturaes conclusões que envolvem fortuna adversa — como prenuncio de imminente calamidade.

Verificou-se por desgraça o que poderia attribuir-se a simples preoccupação!

Passados oito dias viram subitamente que o dia se cerrava temerosamente, e começaram os ventos a bramir em medonha furia, e o mar a cavar-se em voragens profundas. Os navios corriam ao sabor das ondas encapelladas, o leme para nada servia, a destreza e coragem dos navegantes eram infructuosas, e a falta de practica da navegação n'aquellas paragens augmentava consideravelmente o perigo; aquella scena de horrorosa confusão só serenou depois de muitas horas de angustia para os navegantes, e depois de haverem sido quatro dos navios tragados pelo abysmo das vagas, sem que d'elles voltasse a ver-se nem a mais pequena e insignificante reliquia!

Um dos navios perdidos n'essa luta tremenda com os elementos foi o que se achava entregue ao commando de Bartholomeu Dias, do esforçado capitão que descobrira o Cabo, que primeiramente se chamara das Tormentas.

A esse fatalissimo acontecimento, e á pavorosa tempestade, que o determinou, allude o nosso grande epico immortal, pondo na bôca do gigante Adamastor as se-

guintes palavras, que não podemos furtar-nos ao prazer de transcrever aqui:

Sabe que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descubriu summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naus vereis cada ano
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

Os restantes navios engolidos pelas ondas alterosas foram os de Aires Gomes da Silva, Simão de Pina, e Vasco de Athaide. Com os sete restantes, e meio alagados, chegou Pedro Cabral em 20 de julho a Moçambique, onde tratou de reparar as avarias, que soffrera.

Seguiu depois viagem para Quiloa, na costa da Ethiopia, paiz populoso, fertil e de consideravel commercio, situado cem leguas adiante de Moçambique. Cabral conferenciou ahi com o rei, e com elle ajustou convenções mutuamente vantajosas; mas tamanha força tiveram no animo d'aquelle regulo as instigações dos mouros, que esse pacto ficou de nenhum effeito.

O capitão portuguez, que não levava por instrucção fazer-lhe guerra, dissimulou a offensa até que se lhe offerecesse ensejo de vingal-a, e foi surgir em Melinde, onde foi recebido não só conforme as leis de amisade, que fôra estabelecida com o Gama, como tambem segundo as que inspirava áquelle paiz o reconhecimento pela entrega que o almirante fizera de dois navios, que lhe tomara, e que immediatamente restituira logo que soubera que pertenciam ao rei de Melinde.

Mandou logo o capitão portuguez a Aires Gorrea com uma carta e rico presente de El-Rei D. Manuel para o rei melindano, e, depois de ter o nosso enviado recebido um distincto acolhimento, como Cabral se excusara de ir a terra pretextando ordens do seu soberano, foi o rei de Melinde visital-o na nau capitania.

A bôa intelligencia que mantinhamos com aquelles povos mais se consolidou ainda por effeito d'aquella entrevista, e Pedro Cabral, depois de acceitar dois pilotos que o levassem a Calecut, e de deixar ficar ali dois degredados, que obtivessem informações do Preste João, seguiu viagem para aquelle tão celebrado emporio de commercio.

Avistou Calecut em 13 de setembro. Ficaram os habitantes sobremodo maravilhados por verem a exactidão com que os nossos cumpriam suas promessas voltando ali em maior força, e, sendo Cabral visitado da parte do rei, retribuiu elle enviando a terra o mesmo Aires Correa para estipular as condições que deviam ser acordadas e preceder o seu desembarque, declarando que estava resolvido a ir pessoalmente assentar

pazes com aquelle soberano de um modo definitivo e duradouro.

Pediram-se refens para segurança do almirante, e dos que o acompanhassem, e, posto que os mouros fizessem grande opposição a esta exigencia, que julgavam dezairosa para a dignidade do Çamorim, foram para tal fim nomeados seis ministros do rei pertencentes á classe dos brahmanes, e pessoas da mais elevada cathegoria, cujos nomes levara do reino o capitão portuguez, aconselhado por Monçaide.

Combinadas d'este modo todas as coisas, partiu Cabral da esquadra para terra, apresentando um alegre e festivo espectaculo aquelle apparatoso desembarque, pela pompa e riqueza do seu trajo e de toda a comitiva, que era composta de trinta personagens, escolhidos entre os principaes da frota. Foram, por ordem do rei, recebidos na praia por muitos naires, achando-se o mar coalhado de bateis, tones e almadias cheias de gente, e não sendo menor a affluencia de curiosos nas margens.

Pedro Cabral foi conduzido em um andor a um çarame(1) todo alcatifado, e cheio de decorações de grande magnificencia e sumptuosidade.

Estava o Çamorim sentado em um riquissimo estrado, e em todos os seus adornos era verdadeiramente pasmosa a quantidade de diamantes e outras pedras finas que ostentava, principalmente em uma especie de cinta, que bem podia dizer-se sem preço, tão grande

(1) Casa terrea de madeira, que o Çamorim mandara fazer, por ficar longe o paço real.

era a sua riqueza. A seu lado estava uma cadeira real antiga, toda de prata e ouro lavrada de pedrarias, bem como o andor, em que fôra do paço para o çarame, a indispensavel escarradeira, e muitos perfumadores, achando-se accesas seis tochas mouriscas tambem de ouro. A seis passos achavam-se dois principes, irmãos do rei, e tanto n'elles como em toda a côrte, que guardava a ordem e etiqueta orientaes, a riqueza e o brilhantismo correspondiam ao poder e á prosperidade de um imperio regido por um tão respeitado soberano.

Findo o ceremonial da recepção, tendo o Çamorim dado alguns passos ao encontro de Cabral, mandou que se assentasse junto dos principes, depois de haver recebido de suas mãos a carta de El-Rei D. Manuel, carta que era escripta em arabe e em portuguez, e que continha a antecedente proposta mais particularisada para assegurar a paz, e as relações de amizade e de commercio.

Lida a carta, e recebido o presente que El-Rei D. Manuel enviava ao Çamorim(1), disse este a Cabral que se recolhesse á pousada ou á frota, pois cumpria que os refens viessem para terra tomar alimento, visto não lhe ser permittido fazel-o a bordo, e, replican-

(1) Castanheda diz na «Historia da descoberta e conquista da India pelos Portuguezes», que o presente era composto de «hũ bacio de prata dagoa ás mãos de bestiaes dourados, & hũ agomil & hũa copa cõ sobrecopa. Duas maças de prata. Quatro almofadas destrado, duas de brocado & duas de veludo carmesim. Hũ esparavel de brocado de veludo carmesim. Hũ tapete muito fino, & dous panos darmar deras, hũ de figuras, outro de verdura».

do-lhe Cabral que não os deixariam sahir de certo por se suppor que fosse falsa a ordem, lhe tornou o Çamorim que voltasse para a frota, e lhe mandasse os refens, e que no dia seguinte seria assente o trato que El-Rei de Portugal queria ter em Calecut.

Muito indignado ficou Cabral com esta deliberação do Çamorim, e mais augmentou ainda o seu resentimento em razão do estratagemma, de que se valeram os mouros para tirarem de bordo os refens, fingindo que o almirante os mandara buscar, ordem que os nossos se não prestaram a cumprir por desconfiarem da sua veracidade.

Sabendo logo depois Cabral, que um dos refens conseguira fugir, e que os outros tinham procurado evadir-se lançando-se ao mar, recolheu-se apressadamente a bórdo, de onde se queixou ao rei das burlas que lhe faziam, conseguindo por fim, e depois de violentas altercações, que lhe fosse dada em terra uma casa para estabelecer a feitoria, da qual encarregou Aires Correa com sessenta homens denodados e vigilantes.

Era porem ficticia e só apparente aquella bôa intelligencia, e os mouros não cessavam de deprimir e calumniar os nossos na corte, e insistiam com os homens de commercio para que não comprassem as nossas mercadorias, nem fornecessem as orientaes ás nossas embarcações, ou pelo menos as reputassem por valores excessivos e exagerados.

Coje-Bequim, personagem muito importante em Calecut, e cabeça dos mouros naturaes do paiz, e Coje-Çamecerim, que estava a frente dos do Cairo e de Me-

ca, abraçaram partidos oppostos, visto respresentarem interesses diversos, declarando-se o primeiro em favor dos nossos, e avisando constantemente Aires Correa dos tramas que o seu adversario urdia continuamente contra nós. Aires Correa escreveu a Cabral descrevendo-lhe as circumstancias em que as coisas se achavam, e o almirante tomou logo a deliberação de levantar ferro, para mostrar que não estava disposto a deixar impunes quaesquer aggravos, que lhe fossem feitos, com o que o Çamorim ficou atemorisado, e buscou serenar a tempestade que via prestes a estalar, por meio de um tratamento que lhe conciliasse as sympathias dos portuguezes, dando com esse intuito a El-Rei de Portugal um edificio appropriado ao estabelecimento da nossa feitoria, e promovendo de varios modos os nossos interesses commerciaes.

Soube Coje Çamecerim, que sahia de Cochim uma grande nau com elephantes, que se dirigia a Cambaia, e conseguiu persuadir Cabral de que, tomando-a, ganharia a affeição do Çamorim, o qual desejando muito possuir um d'aquelles animaes, não pudera obter que lhe fosse vendido. Ao mesmo tempo que fazia ao almirante esta insinuação, avisava os proprietarios da náu para que a guarnecessem de gente e armas, não só para resistirem ao ataque, como tambem para poderem dar aos aggressores uma lição que lhes servisse de escarmento. D'este modo conseguiria o duplo fim de descarregar sobre nós um duro golpe, e ao mesmo tempo de nos inimisar com os habitantes de Cochim.

Cabral cahiu no laço que lhe era armado, e ordenou a Pedro de Athaide, que fosse com o seu navio

atacar a nau e obrigal-a a render-se, o que foi executado depois de um renhido combate no qual muito se distinguiram os nossos, e com especialidade o famoso Duarte Pacheco Pereira, que n'essa occasião começou a dar indicios claros e manifestos de inimitavel esforço, que depois o tornou na India um dos maiores heroes d'essas epochas.

Conhecendo Cabral que fôra illudido, utilisou o proprio acontecimento para estreitar a amisade com o rei de Cochim, pois que resolveu restituir a este lealmente a preza, dando-lhe explicações satisfactorias, que tornaram sabido e notorio o embuste, com que havia sido enganado.

Consequencias de muito maior fatalidade teve outra machinação, urdida pelos mouros de Coje-Çamecerim, pois custou a vida a quasi cincoenta portuguezes, e entre elles ao esforçado Aires Correa.

Tres mezes havia que Cabral permanecia em Calecut lutando com a perfidia dos seus inimigos, e sem poder encontrar carregamento senão unicamente para duas naus. Aproximava-se o tempo da bôa monção para navegar para o reino, e o almirante portuguez, que tencionava ir assentar trato com o rei de Cochim por ter grande confiança nas virtudes que o nobilitavam e engrandeciam, via-se na necessidade de não pôr por obra este designio, em rasão da grande despeza que fizera em Calecut.

Determinou pois expedir para o reino as duas naus que tinha já carregadas, e prevenir El-Rei do estado em que as coisas se encontravam, para que elle determinasse o que lhe aprouvesse. No entretanto enviou as

suas queixas ao Çamorim e este, respondendo a Aires Correa, que fôra portador da mensagem, que não podia atinar com a origem de taes contratempos e embaraços, acrescentou que investisse as naus de Meca, e tomasse para si a fazenda que n'ellas encontrasse, por quanto, segundo affirmava, fôra em detrimento seu que haviam recebido carga.

Era esta uma invenção industriosa dos mouros, afim de terem motivo para sublevar o paiz contra os nossos, e destruil-os. E assim o conseguiram em parte, pois que, não obstante a repugnancia de Cabral prevaleceram as instancias de Aires Correa, sendo as naus accomettidas por suggestão de Coje-Çamecerim, que se fingia amigo dos portuguezes.

Era aquelle o signal convencionado: de repente os mouros correm á feitoria, atacam de improviso os nossos, e, apesar do aviso de Coje-Bequim, que chegara ali quasi de envolta com os aggressores, entrou grande multidão de gente armada de arcos, frechas, e lanças, dando de subito sobre os nossos, e fazendo succumbir a maior parte. N'esse desastroso assalto se houveram os portuguezes, apesar de poucos e mal armados, com singular denodo e valentia.

Antonio Correa, filho de Aires Correa, que tantos serviços prestou depois na India, pôde salvar-se, contando então apenas dôze annos. Frei Henrique, que mais tarde foi bispo de Ceuta, tambem escapou á carnificina, e Coje Bequim escondeu dois portuguezes em sua casa. Quando os bateis chegaram em soccôrro dos nossos era já tarde, e só vinte conseguiram evitar tão lastimoso fim, uns como fica referido, lan-

çando-se outros a nado, e acolhendo-se os restantes ás embarcações.

Muito folgou o Çamorim com aquelle procedimento iniquo e traiçoiero, pois detestava os nossos, e queria tomar-lhes a fazenda; não se demorou porem muito o castigo d'aquella acção nefanda, castigo que ficou memoravel pelas continuas hostilidades, que soffreram depois aquelles Estados incessantemente perseguidos pelas nossas armas durante uma longa serie de annos. Se o crime foi temerôso, não o foi menos a punição.

Não pôde Pedro Cabral refrear a colera, quando soube de semelhante attentado, commettido com flagrante offensa do direito das gentes, e com despreso dos tratados estipulados. Resolveu portanto alcançar pela força das armas um desaggravo correspondente á offensa; mas decidiu ainda contemporisar, até que provando-se que o Çamorim lhe negava a satisfação devida, tão manifesta fosse a nossa justiça, que os proprios inimigos a reconhecessem. Não se apressando aquelle mal aconselhado monarcha a dar uma justa reparação de tamanhos excessos, o almirante portuguez deu começo ás hostilidades, depois de haver exgotado todos os meios de conciliação que a prudencia lhe ditava, e que aliás estavam em completa opposição com os seus sentimentos particulares.

Depois de abalroar e tomar quinze navios, abrasou-os com as tripulações, e, aproximando-se a esquadra á cidade, varejou-a com a artilheria, causando-lhe um damno espantoso durante dois dias. Muitos dos seus habitantes pereceram, o incendio lavrou em muitos

pontos, muitos dos seus sumptuosos edificios foram derribados, de todos os lados se ouviam gritos, prantos e imprecações, e era tal a confusão que o proprio Çamorim abandonou a sua capital, depois de ter visto morrer junto de si um naire, seu amigo favorito.

Assim vingara o capitão portuguez os aggravos recebidos: tomando dez vidas por cada vida dos nossos, e destruindo aos inimigos valores cem ou mil vezes mais consideraveis do que eram os que existiam na nossa feitoria, por elles saqueada e demolida!

CAPITULO VII

Tal ha de ser quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualá-los;
Voar co'o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, e evitá-los;
Com militar engenho e subtil arte,
Entender os imigos, e engana-los;
Crer tudo, em fim; que nunca louvarei
O Capitam que diga: Não cuidei.

CAMÕES. Luziadas, Canto VIII.

Pedro Alvares Cabral faz-se de véla para Cochim — Grande sensação que a chegada dos portuguezes produz n'aquellas paragens — Os reis de Cantão e Cananor offerecem paz e amizade a Portugal — Regressa Cabral a Lisboa — Parte para a India uma nova expedição, capitaneada por João da Nova, que sustenta ali brilhantemente a gloria das nossas armas — No seu regresso a Portugal descobre a ilha de Santa Helena — D. Vasco da Gama volta á India com uma forte armada de vinte embarcações — Nova e terrivel punição infligida ao Çamorim, que não perde os seus habitos de perfidia e felonia — O almirante portuguez parte para Cochim, deixando em Calecut Vicente Sodré com seis grandes navios — Novas e muito importantes victorias dos portuguezes — Regressa D. Vasco

da Gama a Portugal com treze navios carregados de riquezas.

Em seguida áquella tremenda refréga, Pedro Cabral fez-se de véla para Cochim com o intento de firmar pacto de alliança e amisade com o rei, que era feudatario do soberano de Calecut, do qual recebia o reino como de um suzerano, não tendo a faculdade de cunhar dinheiro, e sendo obrigado a auxilial-o nas suas guerras.

Entrando nas aguas de Cochim, Cabral mandou logo prevenir o rei da sua chegada, e informal-o do motivo que ali o levava. O monarcha recebeu com benignidade a embaixada, permittiu sem relutancia alguma que os portuguezes tomassem carga, e manifestou desejos de estabelecer relações de amisade com El-Rei de Portugal.

Grande foi a sensação produzida n'aquellas regiões pela chegada dos portuguezes. Os factos ultimamente occorridos em Calecut, e a fama que tinha o Çamorim de não guardar como devia a fé das convenções, alienaram-lhe a sympathia de muitos dos seus vassallos, e imprimiram na opinião geral um movimento contrario aos seus interesses, por quanto, divulgada a traição por elle feita aos nossos, foi geral o brado de indignação, que por aquelles paizes retumbou.

Os reis de Cantão e Cananor, soberanos principaes do Malabar depois do de Calecut, mandaram embaixadores aos portuguezes, offerecendo o estabelecimento de relações de amisade intima e solida, a que o almirante respondeu com expressões de polidez, acceitando

as propostas; dizendo porem que estava prestes a fazer-se de véla para Portugal, e se reservava para ratificar esses pactos em epocha de tranquillidade.

Prevenido de que uma armada do Çamorim estava no mar para combatel-o, sahiu ao seu encontro; mas os inimigos, logo que o avistaram, fizeram força de véla para se affastarem, apesar do seu grande numero. Surgindo depois em Cananor, de cujo rei recebeu bom agasalho, tomou ali alguma carga de pimenta, e partiu para Portugal, levando comsigo um embaixador d'aquelle soberano, e dois do de Cochim, com dadivas primorosas e offertas de grande utilidade. Depois de soffrer uma furiosa tormenta, entrou em Moçambique, para proceder aos reparos de que a esquadra carecia, expediu Sancho de Tavora a descobrir a ilha de Sofala, com instrucções para que, cumprida que fosse a sua missão, partisse para Portugal, e dobrou o cabo da Bôa Esperança, onde se apartou da frota uma náu que nunca mais viu em toda a viagem. Continuando a navegação, chegou a Cabo Verde, e ali encontrou Diogo Dias, um dos capitães que com elle haviam sahido do Tejo, e que se apartara da esquadra por occasião da tormenta, em que haviam soçobrado quatro naus.

Finalmente chegou Pedro Cabral a Lisboa no ultimo dia de julho de 1501, sendo recebido com grande solemnidade, e voltando á patria apenas com seis dos onze navios com que déra á véla do Brazil.

Quando ainda Cabral não tinha entrado a foz do Tejo, já El-Rei D. Manuel fazia preparar outra armada de menor força, porque suppunha que na India reinava a paz e a tranquillidade. Compunha-se de quatro

vasos, em que iam embarcados quatrocentos homens, levando por chefe o cavalleiro João da Nova, e por seus immediatos Diogo Barboza, Diogo Novaes, e o florentino Fernando Vinet, habitante mui opulento de Lisboa. Essa frota descobriu a ilha da Conceição, e, passando o cabo da Bôa Esperança, encontrou na aguada de S. Braz, dentro de um sapato, uma carta de Pedro de Athaide, que ali surgira, e em que se referiam os successos da expedição capitaneada por Cabral.

Na India sustentou João da Nova a gloria das nossas armas, sendo a sua acção mais notavel o destroço que fez na armada de quarenta vélas, que contra elle mandou o Çamorim. O rei de Cananor tinha avisado João da Nova para que se acautelasse de tamanho poder, e buscasse um refugio que o salvasse da furia dos seus irreconciliaveis inimigos. João da Nova, porem, mandou immediatamente suspender ferro, e partiu em demanda dos adversarios: resposta eloquente, dada a quem presumia que lançara o terror nos animos portuguezes!

Nas alturas de Calecut se encontraram as duas frotas, e, ainda ao abrigo do porto, durante um dia e uma noite não cessou o ferro e o fôgo de fazer estrago nos mouros, quinhentos dos quaes morreram na refrêga, deixando cinco navios grandes e nove paráos em poder dos vencedores. Os restantes correram a Calecut com a noticia do desastre soffrido pelas forças do Çamorim.

João da Nova fez ainda outras proezas de grandissimo valor, e não cahiu no laço que o Çamorim qui-

zera armar-lhe, enviando-lhe um dos portuguezes de Cabral que se achava captivo em Calecut, para lhe dizer que já mandara castigar os mouros criminosos, e desejava ser amigo de El-Rei de Portugal. Coje-Bequim avisou secretamente o almirante portuguez, de que todas aquellas demonstrações de amizade eram fingidas, e occultavam os mais traiçoeiros intentos.

De volta a Lisboa fez o descobrimento da ilha de Santa Helena, penhasco perdido no meio do Oceano, onde mais tarde devia acabar os seus dias em captiveiro o homem, que durante annos traçou com a espada os destinos das nações, o imperador Napoleão.

Conheceu El-Rei D. Manuel, que, para sustentar a fama gloriosa que a monarchia portugueza gosava em todo o mundo era forçoso firmal-a no credito das armas, e com esse fim nomeou D. Vasco da Gama chefe de um poderoso armamento de vinte embarcações, dividido em tres esquadras : uma debaixo do commando de Vicente Sodré, e composta de cinco navios, uma outra, constituida por egual numero de embarcações, ás ordens de Estevam da Gama, primo do grande descobridor, e a terceira com dez vasos capitaneada pelo proprio almirante.

N'esta segunda expedição não desmentiu o illustre e esforçado Gama a confiança que merecera ao soberano, e não só executou pontualmente o que lhe fôra commettido nas instrucções que recebera, como tambem, nos casos duvidosos, o talento de que tão generosamente o dotara a natureza, suppria plenamente o que não fôra possivel prevenir, a ponto de que os proprios invejosos lhe tecem elogios, que, pela sua pro-

cedencia, não podem ser considerados como suspeitos.

Depois de prolongada navegação chegou D. Vasco da Gama a Quiloa, tendo primeiro ido a Sofala escolher sitio para estabelecer uma fortaleza, e a Moçambique para installar ali uma feitoria. O regulo de Quiloa, que pelo seu procedimento desafiara a colera dos nossos, viu que tinha imminente sobre si um castigo exemplar, e tratou pressurosamente de o cortar fazendo-se nosso tributario.

Antes de passar á India, o almirante portuguez visitou o rei de Melinde, nosso fiel alliado, e tomou uma riquissima nau do Soldão do Cairo, cuja carregação pertencia aos mouros de Meca, nossos irreconciliaveis inimigos, capturando-a depois de porfiada resistencia.

Por fim fluctuaram no Oceano indico os estandartes portuguezes, sendo o nosso almirante recebido em Cananor com grande pompa e solemnidade. D'ali escreveu ao perfido Çamorim, prevenindo o de que a vingança, que d'elle haviam tomado até então as armas portuguezas, não era mais do que uma pequena amostra da que lhe estava reservada, espantosa e memoranda, mais que todas as anteriores reunidas em uma unica.

E pouco tempo se demorou o cumprimento d'esta ameaça. O Çamorim offerecia reparação, mas não tão ampla e completa como o Gama a exigia, e por isso, dispostos os nossos navios em linha em face da cidade, soffreu esta um damno muito consideravel, sendo muitos dos seus principaes edificios destruidos pelo incendio, e mortos pelo ferro muitos dos seus habitantes, que não puderam escapar á colera dos aggressores.

Deixando punidos e amedrontados aquelles inimigos, que tão arrogantes se mostravam pouco tempo antes, voltou o almirante portuguez a Cochim, onde publica e solemnemente estreitou os vinculos de amisade e commercio com o rei, a quem, entre outros objectos de valor, offereceu, da parte do seu soberano, uma riquissima corôa de ouro, recebendo em retribuição um outro presente de muito elevado preço. A bôa intelligencia em que estavamos com o rei de Cochim excitou a inveja do de Cananor, e accelerou a conclusão das convenções, sendo em ambas as cidades installadas importantes feitorias portuguezas.

No entretanto o Çamorim, devorado pelo desejo de vingar-se, procurava perder-nos pelo ardil e pela traição, já que por outros meios mais claros e manifestos lhe era dificil, se não impossivel conseguil-o, visto que D. Vasco da Gama tinha deixado n'aquellas costas Vicente Sodré com seis grandes navios para continuar a guerra.

Ao mesmo tempo que fazia os maiores esforços, já por meio de ameaças, já empregando rogativas e seducções, com o fim de conseguir que o rei de Cochim quebrasse as convenções de paz e amisade, que comnôsco fizera, e vendo que nada alcançava, enviou um brahmane ao Gama, offerecendo-lhe com reservados fins satisfação plena do aggravo. O arrojado e heroico almirante, somente impellido pelos seus sentimentos de nobre e ousada coragem, e não obstante procurarem os seus capitães dissuadil-o da temeraria empreza, navegou para Calecut em um só navio, sendo de improviso accommettido por trinta e tres paráos,

aos quaes resistiu valorosamente, até que, chegando Vicente Sodré em seu soccorro, os destroçou completamente, tomando assim um desforço exemplar d'aquelle nôvo attentado.

Não fizeram aquelles continuados revezes, que o Çamorim desistisse dos seus traiçoeiros planos, parecendo até mesmo que elles mais augmentavam ainda a sua pertinacia. Na occasião em que sahiam de Cochim para Cananor dez navios nossos já carregados, cahiu de subito sobre elles uma frota de vinte e nove embarcações, travando-se um renhido combate, do qual resultou grandissimo estrago no inimigo, que fugiu precipitadamente, deixando em poder dos portuguezes duas embarcações, que foram saqueadas, e queimadas em seguida, e perdendo no combate mais de trezentos homens de guerra.

Executada a missão que pelo seu rei lhe fôra confiada, e deixando n'aquelles mares Vicente Sodré com seis navios, com instrucções para proseguir as hostilidades contra Calecut, e para auxiliar o rei de Cochim contra o Çamorim, caso este lhe movesse guerra, voltou D. Vasco da Gama a Lisboa, onde entrou sem notavel contratempo, trazendo treze navios carregados de riquezas, e podendo dar a El-Rei as mais lisongeiras esperanças, precursoras de uma longa cadeia de prosperos e afortunados successos.

CONCLUSÃO

.....
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres

—

Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
.....

CAMÕES. Luziadas, Canto X.

Munificencia de El-Rei D. Manuel — Invejas e despeitos — As aspirações de Vasco da Gama — O grande almirante feito conde da Vidigueira — O novo vice-rei das Indias — Morte de Vasco da Gama — O mosteiro dos Jeronymos.

Foi então que El-Rei D. Manuel — querendo reconhecer e premiar os novos e valiosissimos serviços, que D. Vasco da Gama prestara á patria, illustrando mais ainda o seu nome já tão justa e grandemente celebrado com outros feitos da mais memoravel heroicidade — lhe conferiu o elevado cargo de almirante do mar das Indias, e prometteu fazer-lhe *doaçam e merçee* da villa *de Sines de juro e derdade com suas ren-*

das e direitos, e concedendo-lhe tambem mais tarde que, *de todas has cousas que lhe vieram das ditas partes da ymdea ora lhas enuyem alguas pesoas ou de seu dinheiro ou mercadoryas elle has mande vyr em nosas naos ou alheas que das ditas partes venham que elle nom pague nenhuuns direitos nem fretes.*

Aquellas concessões, porém, que eram excepcionaes, como o fôra tambem o glorioso feito para que ellas constituiam uma tal ou qual recompensa, fizeram crescer entre os cortezãos as mais violentas irritações, e a esse facto, assim como tambem aos queixumes do proprio Vasco da Gama, que se não considerava sufficientemente remunerado, e cuja aspiração principal era poder encimar o seu brazão de armas com uma corôa de conde, deve talvez attribuir-se o retrahimento e inacção em que o inclito descobridor da India permaneceu durante mais de vinte annos, gastando, na ingloria luta dos despeitos e invejas de uma côrte imbuida de preconceitos, e orgulhosa dos seus privilegios hyerarchicos, a energia de caracter e a resolução intemerata de que déra já tão manifesta e exhuberante testemunho, e que pudera ter utilisado em novas proezas de utilidade real para a nação, que lhe fôra berço.

Eram já passados vinte annos depois da grande descoberta, quando o heroico e preclaro almirante chegou a ver realisados os seus sonhos de grandeza. Em Evora, onde então se achava a côrte, El-Rei D. Manuel — como diz o erudito e infatigavel investigador, o sr. Luciano Cordeiro, em uma valiosissima e muito interessante memoria, que temos á vista, — fir-

mava um d'aquelles bellos diplomas que tão caracteristicamente contrastam com a inconsciencia banal dos da monarchia moderna. Mais uma vez, e não será a ultima—*esguardando ao muito grande e assignado serviço, que D. Vasco da Gama... tem feito no descobrimento das Indias de que a Nosso Senhor se seguiu tanto serviço e accrescentamento de sua fé e esperamos que ao diante se siga muito mais e assim a nossos reinos e senhorios tanta honra, proveito e acrescentamento como. louvores a Nosso Senhor, a todos é visto e notorio*—o rei *afortunado* dá por essa carta de 29 de dezembro de 1519, ao seu almirante—«o titulo de conde da villa da Vidigueira e o fazemos conde d'ella»—com todas as honras e franquezas—«porque é justa cousa os serviços de tanto merecimento, dignos de tanta memoria, serem remunerados em mercês e honras».

«Prolixo e diffuso, talvez, mas expressivo e nobre, consciente e convincente».

. . . . . .

Chegou ainda o esforçado almirante, já então conde da Vidigueira, a ser, em 1524, nomeado vice-rei das Indias, onde a gloria e reputação dos portuguezes se achavam n'essa epocha gravemente compromettidas pelo mal orientado governo de D. Duarte de Menezes; mas por pouco tempo lhe foi dado gosar a sua nova dignidade de vice-rei, em que aliás prestou ainda novos e muito valiosos serviços, porque foi morrer no dia 24 de dezembro de 1525 em Cochim, ficando ali sepultado no mosteiro dos frades de S Francisco, de onde mais tarde foram seus ossos transportados para Portugal, e depositados no seu jazigo na villa da Vi-

digueira, e em 1880 trasladados para o mosteiro d s Jeronymos, para junto dos do immortal cantor das suas glorias, dos de Camões.

No logar do Rastello, onde existia uma pequena ermida, mandada edificar pelo infante D. Henrique, e na qual os nossos navegadores faziam oração antes de partirem para as suas tão arriscadas viagens, mandou El-Rei D. Manuel levantar um sumptuoso templo, dedicado á Virgem Maria, e junto d'elle um mosteiro grandioso, que doou aos monges de S. Jeronymo, em cumprimento da promessa que fizera á Senhora do Rastello, se houvesse um feliz resultado da empreza, que incumbira a Vasco da Gama. O magnanimo rei, que mandara dar começo áquella obra monumental em 1499, logo depois do regresso do grande navegador, applicando para ella uma avultada parcella das riquezas trazidas da India, não logrou vel-a concluida; e só foi assim considerada trinta annos depois da sua morte, em 20 de setembro de 1551, por occasião de serem para ali trasladados os restos mortaes do devoto rei, que iniciara a edificação.

FIM